

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM

---

VIVIAN CARLA CALIXTO DOS SANTOS

**CARTAS, ESCRITA E LINGUAGEM: A  
TEMPORALIDADE EM QUESTÃO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Rio Claro  
2009

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM

---

**VIVIAN CARLA CALIXTO DOS SANTOS**

**CARTAS, ESCRITA E LINGUAGEM: A  
TEMPORALIDADE EM QUESTÃO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA ROSA RODRIGUES  
MARTINS DE CAMARGO**

*Minha gratidão...*

*Um trabalho de pesquisa se insere numa trama de saberes e é tecido por um pesquisador com a contribuição de um sem-número de mãos, que trazem conhecimentos os mais variados, material, cores, presença, incentivo e afeto.*

*Este trabalho começou muito antes de ter se iniciado. Começou com a formação pessoal que recebi de minha família, necessitou da minha formação escolar e acadêmica para ser concebido... E o que era um projeto, foi ganhando forma e consistência pelo enredamento de inúmeros gestos de boa vontade e atitudes de confiança em minha capacidade e integridade. Este trabalho só pôde ser realizado, enfim, porque contei com o apoio, a paciência e o amor de meus familiares e com a amizade, orientação e consideração de tantos que me rodeiam.*

*A todos que, de algum modo, ou de muitos, se fizeram presentes neste fazer, o meu mais profundo agradecimento, meu carinho e esta composição...*

*Vivian Carla*

*Sou homem: duro pouco  
e é enorme a noite.  
Mas olho para cima:  
as estrelas escrevem.  
Sem entender, compreendo:  
Também sou escritura  
e neste mesmo instante  
alguém me soletra.  
Octavio Paz*

## RESUMO

Cartas pessoais, escritas em diferentes épocas e lugares compõem o objeto material deste estudo. Na sua leitura destaca-se a figura dos interlocutores, cuja história e modo de vida estão inscritos nesse complexo suporte de texto. A qualidade dialógica do material pesquisado se estende à abordagem da própria pesquisa, tal como concebida por Bakhtin na área das Humanidades. Geradas e preservadas pelas práticas culturais disseminadas de escrita e leitura em nossa sociedade, as cartas pesquisadas, cento e setenta e nove no total, são focalizadas na perspectiva da História Cultural. De sua leitura, emerge ainda a possibilidade para reflexões acerca da escrita de si, isto é, da escrita epistolar como material autobiográfico. Questões da temporalidade também emergem da leitura do material e remetem a estudos de filósofos como Paul Ricoeur e Peter Pál Pelbart, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** PRÁTICAS CULTURAIS. AUTOBIOGRAFIA. TEMPO. DIALOGIA.

## **ABSTRACT**

Personal letters, written in different times and places, compose the material object of this study. By reading them, stands out the figure of their interlocutors, whose history and way of life are registered in this complex support of text. The dialogical quality of the investigated material is spread out to the approach of the inquiry itself, such as conceived by Bakhtin, to researches in the area of the Humanities. Produced and preserved by the cultural disseminated practices of writing and reading, that take place in our society, the investigated letters, hundred and seventy nine in the total, are focused in the perspective of the Cultural History. By reading them, another possibility for reflections is brought up, which is, the reflexive writing, or, the epistolary writing as an autobiographical subject. Questions of temporality also emerge in the reading of such material, and lead us to studies of philosophers like Paul Ricoeur and Peter Pál Pelbart, among others.

**KEY-WORDS: CULTURAL PRACTICES. AUTOBIOGRAPHY. TIME. DIALOGISM.**

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO .....   | 09  |
| 1. MOVIMENTOS DE CO-RESPONDÊNCIA: UM OBJETO DE PESQUISA SE DELINEIA... 12          |     |
| 2. VIR E IR DE CARTAS: A MATERIALIZAÇÃO DE UM <i>CORPUS</i> .....                  | 20  |
| 2.1. Organização do material .....   | 21  |
| 2.2. Uma leitura descritiva do material... ..                                      | 24  |
| 3. CARTAS: A COMPOSIÇÃO DE UM MOSAICO TEÓRICO.....                                 | 30  |
| 3.1. A escrita da carta como pratica cultural .....                                | 31  |
| 3.2. O desdobrar-se na escrita epistolar: a escrita de si.....                     | 34  |
| 3.3. <i>Te espero em cartas...</i> – A presença do outro nas cartas pessoais... .. | 37  |
| 3.4. A questão da temporalidade .....  | 39  |
| Pesquisa nas bases de dados <i>on-line</i> .....                                   | 39  |
| Há muito tempo, tantos tempos... ..  | 41  |
| 4. EM QUE TEMPO, AS CARTAS? UM ESBOÇO. UMA REFLEXÃO .....                          | 46  |
| 5. CINCO ESTUDOS COM CARTAS, TEMPO DE REFLEXÕES MÚLTIPLAS .....                    | 50  |
| 5.1. Carta do exílio... ..   | 52  |
| 5.2. Carta a um imigrante.....   | 63  |
| 5.3. "Clube da correspondência": Espaço de auto/biografias .....                   | 77  |
| 5.4. O transverter do tempo nas cartas de Adriana e Alexandra .....                | 87  |
| 5.5. A palavra vetada: Cartas às margens da Segunda Guerra Mundial.....            | 98  |
| 6. PARA SEGUIR PENSANDO... ..  | 105 |
| REFERÊNCIAS .....  | 107 |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....  | 112 |



HODGSON, Sharon. (1977 - ) *Emotive Letter Writer*. Acrílico sobre tela (80 x100 cm). 2008. Disponível em <<http://sharonhodgson.com> > - Acesso em: 20/06/2009.

401 Santos, Vivian Carla Calixto dos  
S237c Cartas, escrita e linguagem: a temporalidade em questão /  
Vivian Carla Calixto dos Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2009  
112 f. : il., figs., tabs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Campos

1. Linguagem - Filosofia. 2. Práticas culturais. 3.  
Autobiografia. 4. Tempo. 5. Dialogia. I. Título.

## APRESENTAÇÃO

Quando iniciei este estudo, a imagem da página precedente ainda não havia sido criada. Pintada recentemente, ela transmite, de modo intenso, a relação extensiva que artistas do mundo todo mantêm com cartas, tematizando-as em suas fotos, quadros, poemas, canções... As cartas já fizeram e continuam a fazer parte do ideário e do cotidiano de muitos.

Prática cultural realizada no recôntido dos espaços privados, no sigilo dos quartos, pelos cantos da noite, no despojar-se do contato com o externo circundante, a escrita de cartas se enseja também na invisibilidade dos espaços públicos, como a do alheamento das salas de aula, ou do isolamento nos transportes coletivos, até mesmo no reservado que a amplidão das praças abertas engendra. Conversa silenciosa, não alardeia a presença de sujeitos escritores/leitores, cujos fazeres permanecem tantas vezes imperceptíveis para uma história que considera apenas os feitos dos que têm poder, seja esse poder político, econômico, ou intelectual.

Deste modo, estudar cartas na perspectiva da História Cultural se afigurou como uma possibilidade apropriada para a ampliação de saberes sobre esse objeto que é tão pessoal, mas também cultural e de conhecimento, uma vez que a História Cultural comporta estudos realizados com grupos particulares, em locais e períodos específicos, renunciando então a esquemas teóricos generalizantes e abrindo-se para metodologias e conceitos de outras áreas do conhecimento.

A aproximação com as cartas pessoais até sua constituição como objeto para este estudo foi gradativa, como se verá no Capítulo 1. Por tratar-se de uma escrita intimista, muitas vezes hesitei diante do pudor por ler conteúdos tão particulares com olhos que não o de seu destinatário. A leitura de cartas publicadas me ajudou nessa questão, que cedeu lugar a outras, mais interessantes, me parece. Pensar a escrita e a leitura da carta como práticas culturais, por exemplo, fez despontar questões como: Quem é o sujeito que escreve cartas nos dias atuais? Como se dá essa prática? Qual a interferência do contexto histórico na carta pessoal? E, em contrapartida, como a carta pessoal lida hoje pode ajudar a conhecer o contexto

histórico em que foi produzida? Essas são algumas das questões que motivaram a elaboração do projeto da pesquisa que apresento aqui, cujos objetivos são:

- buscar possíveis marcas das práticas culturais de escrita e leitura nos conteúdos das cartas pesquisadas;
- investigar os interesses e motivações que permeiam as relações de amizade que se estabelecem e se mantêm na e pela correspondência;
- identificar, por meio dos assuntos abordados, da linguagem e material utilizados nas cartas pesquisadas, possíveis interferências da época, do local, das relações sociais em que se situa o autor das cartas e sua escrita;
- apontar elementos que o estudo das cartas (objeto, veículo, suporte do ato de escrever) possam trazer para uma outra visão das práticas culturais de escrita e leitura.

A fim de atingir esses objetivos, um *corpus* documental foi constituído, como se verá no Capítulo 2, onde estarão descritos não apenas o processo de formação desse conjunto de documentos, mas também de que modo fui sendo afetada pelo contato com ele.

Nas leituras desse material emergiram com força questões da temporalidade: fala-se do tempo nas cartas, há um tempo de escrita, uma data de postagem, tempo que permaneceram guardadas, tempo em que estão sendo lidas... Assim, no Capítulo 3 faremos apontamentos de leituras de alguns teóricos, de quem nos aproximamos para uma melhor compreensão do material coletado, refletindo questões da temporalidade e da carta como objeto cultural e, ainda, de autores estudiosos da Linguagem, para compreender como se dão as relações do eu que escreve com seu interlocutor, e consigo.

Buscas realizadas em bases de dados online também contribuíram para o conhecimento de como as cartas pessoais têm sido abordadas em diferentes pesquisas acadêmicas. Procurei também saber como a relação entre cartas pessoais e questões da temporalidade tem sido pensada nesses trabalhos. Um breve apanhado dos dados obtidos nessas buscas também integra o terceiro capítulo.

O capítulo seguinte tratará com mais ênfase as questões da temporalidade e sua relação com cartas pessoais. Procurei colocar as reflexões para as quais as leituras de cartas me faziam despertar à luz do pensamento de Peter Pál Pelbart e,

em decorrência, dos estudiosos com quem ele pensa essas questões, não sem antes fazer uma incursão em “Tempo e Narrativa”, de Paul Ricoeur.

Depois, no Capítulo 5, dar-se-á um diálogo mais próximo com parte do material coletado e algumas das possibilidades reflexivas advindas de sua leitura serão apresentadas, a fim de oferecer elementos que contribuam para a compreensão do objeto cartas, complexo e pluridisciplinar, em que se congregam diversos campos do conhecimento em sua construção escrita e em suas reconstruções, pela leitura.

## 1. MOVIMENTOS DE CO-RESPONDÊNCIA: UM OBJETO DE PESQUISA SE DELINEIA...

A tomada de um objeto para estudo nem sempre é evidente num projeto de pesquisa, pode percorrer trajetórias muitas vezes insuspeitas, até que a objetivação se delinee como legítima aos olhos do pesquisador. Minha aproximação com as cartas pessoais foi gradual e matizada pelas minhas experiências de leitura, prática a que me dedico desde a infância.

Em minha casa, quando criança, recebíamos pelo correio duas revistas religiosas que a princípio me estimulavam pela página de passatempo que incluíam: cruzadinhas, quadrinhos com a *Turma da Mônica*, jogos de sete erros, etc. Depois passei a encará-las como fontes para conhecimento de diversos assuntos, mas os artigos que se constituíam como “ensinamentos” me desagradavam e eu era absorvida pela parte “cultural” dessas publicações. Foi assim que li, por exemplo, *O Escaravelho de ouro*, de Edgar Allan Poe, publicado em fascículos semanais.

Pelo correio também chegava a “livraria” em que se nos disponibilizavam títulos diversos, inacessíveis numa cidade onde não havia livrarias propriamente, somente tipografias, cujas opções eram restritas e dependia-se também de reservas para solicitar o que se quisesse. Mas como saber o que se queria sem saber o que existia? Desta forma, o catálogo da “Ediouro” era visto e revisto por todos na família e com bastante alegria eram recebidos pelo reembolso postal os livros que materializavam o que antes era só ilustração e desejo...

Mas não apenas aos objetos recebidos pelo correio se vinculava minha experiência leitora: Ainda que não seja destinada a um remetente apenas, e que seus diversos receptores permaneçam anônimos, a literatura cumpre com a função epistolar, qual mensagem levada pelo vasto oceano editorial. Então, enquanto leitora, ao longo da vida, eu co-respondia aos textos lidos, embora não de forma expressa...

Alguns desses textos lidos eram cartas mesmo, publicadas em livros, como *Cartas a um jovem poeta*, a primeira coleção de correspondência “verdadeira” que li ainda na adolescência e que me despertou para reflexões diversas acerca da

delicada conversação sobre como encontrar e cultivar a poesia; outras eram obras epistolares fictícias, como *O sofrimento do jovem Werther*, que me comoveu, porque apesar de não ser “real”, ressoou como um plausível eco romântico que vinha do século XVIII, que eu julgava época de ideais puros e amores verdadeiros. Daí o impacto que senti ao ler outro romance epistolar, também do século XVIII, *As relações perigosas*, que conheci por influência do cinema. Depois de ver uma adaptação da obra, procurei conhecê-la, porque me impressionara a retratação tão contundente da vileza humana.

Foi portanto entre espantos, enlevos, antagonismos ou pactos com o novo - que me chegavam por meio de romances, poemas, biografias e outros gêneros -, que me fiz destinatária de escritos antigos ou recentes, nacionais ou estrangeiros, “reais” ou imaginados, previsíveis ou inimagináveis... Não que eu soubesse dessa característica epistolográfica da literatura. Ela foi percebida em leituras posteriores, quando eu estudava a formação do romance - gênero que se iniciou na forma epistolar para obter credibilidade e parecer verossímil para os leitores, convencidos de que a história que compunham, lendo cartas de outrem, seria uma narrativa “verdadeira” - e, mais tarde ainda, ouvindo a conferência “Cartas a um leitor que vai nascer”, em que o professor Jorge Larrosa a formulou claramente, estendendo-a a todos os textos que nos tocam...

Pensando nessas idéias descubro o quanto estou impregnada dessa atitude leitora co-respondente. Vejo que influenciou meu modo de conceber o que seja fazer pesquisa, meu modo de preparar aulas, de estar no mundo e até mesmo de escrever este texto acadêmico. E ainda mais, ela deixa ver porque a correspondência se constituiu como objeto deste estudo...

A correspondência escrita é veículo privilegiado da co-respondência: Ela é praticada desde a Antiguidade até os dias atuais para atender a uma multiplicidade de propósitos intercomunicativos, aos quais se relacionam diferenciações nos conteúdos que porta e nas formas que assume.

Se pensarmos, por exemplo, nas cartas comerciais, poderemos constatar que nelas, de modo geral, os correspondentes não se exprimem por si mesmos enquanto sujeitos, mas que as utilizam como suporte para conteúdos mais objetivos. Ainda assim, é possível que traços de subjetividade sejam deixados numa escrita epistolar comercial.

As próprias epístolas, textos do *Novo Testamento* de onde provém o termo “epistolar”, que hoje designa a ação de “escrever epístolas, enviar cartas, epistolizar” (Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa 2.0) não serviriam “à simples comunicação de fatos de natureza pessoal ou familiar, [mas] aproximando-se mais da crônica histórica que procura relatar acontecimentos do passado” (E-dicionário de termos literários). Essa definição nos dá pistas de que a escrita epistolar pode oferecer elementos que ampliem o conhecimento histórico. Mas obviamente não se pode pretender que o texto epistolar seja portador de um conhecimento puramente objetivo, já que nele pode-se perceber a marca do sujeito que escreve: Porque são remetidos por Paulo, tais textos bíblicos têm determinadas características que seriam outras, tivessem sido escritos por João, Lucas,...

Ainda considerando essas definições do termo epistolar, cabe perguntar se as cartas pessoais, enquanto textos epistolares que são, ao narrar fatos de natureza pessoal ou familiar, não narram, contiguamente, acontecimentos históricos de diferentes épocas, além de cumprir com sua função primeira, comunicativa...

Para cumprir a função da intercomunicação há atualmente outras tecnologias inventadas depois do manuscrito, mas cartas pessoais persistem como importante elo nas relações humanas, vinculando solidões, narrando acontecimentos vividos, minimizando saudades... Não se trata aqui de contrapor diferentes tecnologias de comunicação. Embora cartas, telefonemas e mensagens eletrônicas - algumas das muitas formas utilizadas para comunicar - sirvam ao mesmo fim, faz-se uso de uma ou outra conforme a necessidade e/ou possibilidade. Cada qual tem sua especificidade e materialidades distintas. Nas duas últimas há uma instantaneidade não encontrável nas cartas, nas quais o tempo é matéria-prima... Temos conhecimento de importantes trabalhos acadêmicos que tratam da correspondência eletrônica, mas optamos por focar aqui as cartas que ainda hoje são enviadas/recebidas via correio “manual”.

“Troca de cartas ainda sobrevive ao tempo” é o sugestivo título de uma reportagem veiculada no jornal *Folha de São Paulo* em 27 de maio de 2007, em que se revelava, entre outras informações, ser de 850 milhões o número de cartas a passar pelos Correios anualmente; o texto jornalístico enfatiza se referir tal quantidade a “cartas mesmo, de pessoa física para pessoa física”. Esse montante seria correspondente a 10% dos objetos postais enviados e recebidos no Brasil por ano.

Esses dados, aqui trazidos com propósito ilustrativo, tratam em termos quantitativos de uma prática que, amiúde, promove experiências não mensuráveis, como a do senhor Petrúcio Ramos da Silva, deficiente visual de 64 anos, cujo maior passatempo é enviar cartas a mais de cem correspondentes no Brasil e exterior. Ele realiza sua prática com o auxílio de escritores de cartas do “Poupatempo”, que oferece o serviço gratuitamente na cidade de São Paulo e foi tema de reportagem publicada na *Revista Época* de 22/09/2008 (*Revista Época* nº 540, 22/09/2009, p. 124).

O trabalho dos escritores no “Poupatempo” é voluntário. Denominado “Escreve cartas”, o serviço foi inspirado no filme “Central do Brasil” e funciona desde 2002, tendo atendido a mais de 192 mil pedidos, de acordo com uma outra reportagem, esta publicada em 22/08/2008, no jornal *Diário de São Paulo*.

A publicação dessas reportagens e seus conteúdos nos dão indícios de que a epistolografia é uma prática disseminada, que cumpre uma importante função num país com as dimensões do Brasil: Nas palavras de uma das voluntárias entrevistadas pela revista citada, dos que procuram o serviço dos escribas, “muitos ditam cartas pro Norte e Nordeste, para pedir ajuda ou falar da saudade que sentem” (*Revista Época* Nº 540, 22/09/2008, p. 127).

Mas cartas também são escritas quando o outro está próximo e é difícil verbalizar determinados assuntos: explicações de palavras ou atos mal-entendidos, despedidas, pedidos de perdão. Paradoxalmente, a escrita, talvez por exigir elaboração, crie um distanciamento que proteja o signatário de uma intimidade que ele reencontra escrevendo...

Seja a distância física ou afetiva, a escrita de cartas oferece uma possibilidade para a superação do afastamento, um esforço para transposição da falta...

Em 31 de dezembro de 1926, a poeta russa Marina Tsvetáieva manda um apelo ao seu amor, Rainer Maria Rilke.  
 “Ó Rainer, escreve-me (é por demais estúpido este pedido?)”  
 Rilke já estava morto havia dois dias, e ela já sabia. Mesmo assim, não subestimou o alcance de sua voz. (*Revista da Cultura*, edição 12, julho/2008)

Todos os que já se corresponderam sabem que a promessa de uma carta por chegar a torna desejada, a torna única e, quando materializada, é festejada, lida,

relida e... Guardada. As ações que antecedem e sucedem o recebimento de uma carta, sejam assim, de acolhida, ou em oposição, de recusa - da carta que é devolvida, ou conservada fechada -, se distanciam da indiferença, revelando a importância do objeto carta no cotidiano dos correspondentes.

Contudo, cartas pessoais não contribuem unicamente nas relações estabelecidas entre o signatário e destinatário, conforme antevisto nas considerações que trouxemos, quando tratamos da definição do termo epistolar. A função comunicativa das cartas, que prevalece quando são lidas isoladamente, se abrandava quando tomadas em conjunto e a troca de idéias inicial pode se converter em tratados que versam sobre diversos assuntos (VALENTIM, 2006, p. 55). Fonte documental largamente utilizada para o estudo de uma determinada figura ou contexto histórico (GUBA E LINCOLN apud Lüdke; André, 1986, p. 39), como ocorre, por exemplo, com as cartas jesuíticas, que viabilizam estudos sobre os modos de vida e da educação no Brasil colonial, as cartas pessoais possibilitam ainda estudos da linguagem e da escrita, já que são também suportes de textos. Ou, numa reformulação arriscada: Cartas são textos portadores de textos escritos...

Em nossas leituras de cartas publicadas - de escritores e outras pessoas célebres - a questão da temporalidade começou a emergir e, juntamente com outras perguntas, relacionadas às práticas de leitura e escrita, o objeto de estudo "cartas" motivou a elaboração do projeto desta pesquisa.

De caráter qualitativo, nosso estudo traz intrínseco um modo de fazer pesquisa - uma abordagem dialógica -, subtraindo-se a busca por um conhecimento exato, objetivo, ou acabado, mas, antes, privilegiando um saber impregnado da subjetividade dos seres expressivos de quem nos aproximaríamos, por meio das cartas que escrevem, lêem, guardam... Segundo Bakhtin (2003), o ser expressivo e falante, objeto das ciências humanas, nunca coincide consigo mesmo e por esse motivo é inesgotável em seu sentido e significado.

E porque revelam também aspectos das relações entre as pessoas que se correspondem e dão a ler relatos de experiências dos signatários que se expõem e fazem da correspondência uma tentativa de partilhar seus problemas e vivências, as cartas pessoais compõem fonte muito rica para estudos qualitativos, na visão de Bogdan e Biklen (1994). Por essa característica tão subjetiva do objeto tomado para estudo, consideramos adequada a análise documental, que, segundo Holsti, é uma

técnica apropriada para as investigações em que a linguagem dos sujeitos tem papel fundamental.

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (Holsti apud Lüdke; André, 1986, p. 39)

A formação de um *corpus* documental se delineou então como etapa primordial a ser desenvolvida tão logo fossem concluídas a revisão bibliográfica pertinente e as pesquisas em bases de dados, mas nos colocou frente ao desconhecido – onde encontrar cartas pessoais?

Começamos por explorar formas de acesso ao material requerido, algumas idéias ocorreram, mas depois foram afastadas, como a de estudar as muitas cartas endereçadas aos correios anualmente, com pedidos ao “Papai Noel”, ou ainda as cartas produzidas por meio do trabalho de escribas, mas nos pareceram opções que limitariam os tipos de material que poderíamos conhecer.

Optamos então pela busca de cartas que pudessem enriquecer, pela diversidade, nosso estudo e, com esse objetivo, foram visitadas instituições destinadas à guarda de documentos públicos, na cidade de Rio Claro: uma biblioteca municipal, o Arquivo do Município e o acervo do Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”; no Arquivo tivemos dificuldade no acesso aos documentos, que podiam ser lidos e tomados para anotações ali mesmo, sem que pudessem ser reproduzidos.

Na biblioteca recebemos a informação de que seu o acervo de documentos seguira para o museu, onde obtivemos documentos interessantes, insuficientes, porém, para atingir os objetivos que tínhamos traçado. Foi no museu que recebemos a indicação de um senhor que seria um grande guardador de documentos antigos. Ao procurá-lo, descobrimos com pesar que cupins haviam consumido todo o seu conjunto de cartas, que, conforme ele relatou, seria imenso. Ele nos cedeu, porém, a correspondência que vinha mantendo nos últimos anos com uma amiga da época de faculdade.

Passamos então a pesquisar a existência de cartas pessoais junto a particulares, amigos e familiares que pudessem nos ceder suas correspondências:

Isto acontecia de forma “natural”, pois sempre que alguém me perguntava sobre o que versaria minha dissertação de mestrado e eu dizia que estudaria cartas pessoais, obtinha em resposta alguma menção à posse de cartas, fossem elas da própria pessoa, ou de seus familiares. No entanto, nem todos os que declararam possuir correspondências as disponibilizaram, às vezes por falta de oportunidade, outras por motivos que julgamos bastante compreensíveis, como a necessidade de manter preservadas intimidades contidas nas cartas, ou porque quem as guarda – nem sempre era a própria pessoa com quem conversávamos - teme que sejam estragadas ou perdidas, uma vez que são guardadas com tanto cuidado e carinho. Essas atitudes, longe de nos desestimular, nos fizeram compreender o quão importante as cartas são para as pessoas que as guardam e nos fizeram valorizar ainda mais o material que nos ia sendo confiado...

Foi com uma amiga que entramos em contato com uma participante do “Clube da Correspondência”, que nos permitiu conhecer cartas de uma sua correspondente, residente no Espírito Santo.

Também por um amigo soubemos haver uma grande quantidade de correspondência do escritor Jorge Amado, armazenada na “Fundação Casa de Jorge Amado”, ainda inexplorada. Infelizmente, não tivemos condições para conhecer esse material. Embora nosso objeto de estudo fossem as cartas de pessoas “comuns<sup>1</sup>”, não deixamos de lamentar a perda da riqueza que por certo há nesses documentos.

Ainda por indicação de amigos soubemos da existência de um sebo, que dentre outros produtos à venda, oferecia artigos filatélicos, alguns deles compostos não apenas por selos ou envelopes, mas destes acompanhados de seus respectivos conteúdos.

O *corpus* documental que reunimos é então marcado pela diversidade: diverso na época em que as cartas foram escritas, nos tipos de relação que mediatizaram, na forma e conteúdo expressos, nos locais onde estavam depositadas. De sua leitura, evidenciou-se com mais força as questões relacionadas à temporalidade: Apesar de haver nas cartas marcadores temporais claros, como

---

<sup>1</sup> O termo *comum*, que adjetiva *pessoas* neste texto, está sendo utilizado na acepção concebida por Michel de Certeau, na obra *A invenção do cotidiano* (1996), onde se pode ler, na página 57 do volume 1, a dedicatória que o autor faz, de seu ensaio, ao “homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável”, que “pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas”, antes dominadas por “atores donos de nomes próprios e de brasões sociais”.

datação no início do texto, e/ou amarelecido do papel, e/ou relatos de eventos históricos passados, caligrafia e outros, contidos em seu conteúdo e/ou forma, a sensação de contemporaneidade que a leitura de cartas oferece nos intrigou e a fim de melhor compreendê-la, será tratada mais adiante, à luz do pensamento de estudiosos da questão da temporalidade, tão logo tenhamos apresentado o corpus documental e os caminhos percorridos para compô-lo. Essa descrição mais pormenorizada se dará a seguir, no Capítulo 2.

## 2. VIR E IR DE CARTAS: A MATERIALIZAÇÃO DE UM CORPUS

Em minhas primeiras buscas por material epistológico fui a um local consagrado à guarda de documentos, o Arquivo Municipal de Rio Claro. Lá chegando, tive uma primeira reação bastante animada, face à informação de que havia no Arquivo grande quantidade de cartas, organizadas e prontas para serem consultadas. Em seguida, porém, veio a decepção: tratava-se de um acervo de quarenta mil cartas de Plínio Salgado e não era nosso objetivo, naquele momento, estudar o Integralismo, ou a figura do seu fundador. E outras cartas, havia? O funcionário do Arquivo pediu algum tempo para levantar o acervo do Cel. Marcello Schmidt, onde sabia com certeza haver cartas, e para verificar se havia mais correspondências em outros acervos. Quando lá retornei, ele me disse que tinha encontrado caixas de famílias que tinham doado seus documentos, material que eu poderia consultar, mas que esse material estava ainda sujo e desorganizado.

Munida de luvas e máscara, festejei com intensidade as primeiras cartas encontradas: descobri, por exemplo, manuseando esse material, que as cartas de pêsames vinham circundadas por uma tarja em sinal de luto, que Marcello Schmidt chegara a ser deputado na “nova” República do Brasil, que Licia Pignataro coletou dados para o seu livro *Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes* por meio de cartas enviadas às famílias italianas, que respondiam contando a história de seus antepassados, juntando fotos e documentos que tivessem a respeito. Entretanto, nova frustração ocorreu quando, após algumas visitas ao Arquivo, soube que a resposta à minha solicitação para copiar as cartas encontradas era negativa, a administração daquela autarquia me pedia para aguardar um escaneamento do material, a ser realizada pelo próprio Arquivo, mas o equipamento para fazer esse procedimento não estava disponível e os meses iam passando, funcionários foram afastados do Arquivo, eu nunca conseguia ver uma mesma caixa duas vezes porque quem me atendia não sabia onde o funcionário anterior tinha colocado o material já consultado. Então, tenho relacionadas, mas não copiadas, parte das cartas que se encontram naquele local, fonte pública de pesquisas...

Dirigi-me então à uma biblioteca municipal, onde fui informada da remoção de seu acervo documental, que fora enviado para o museu, cujo prédio se encontra em reforma. Funcionando precariamente num outro local, o Museu Histórico e Pedagógico “Amador Buendo da Veiga” é administrado pelo governo do estado de São Paulo, e alguns documentos que pertenceriam ao Arquivo foram mantidos ali, pela morosidade na tramitação entre uma instituição estadual e outra, municipal. Lá pude reproduzir o material encontrado, em número bem mais reduzido, contudo. As primeiras cópias de cartas, especialmente a de 1862, me levaram a experimentar grande encantamento, a formular perguntas infundáveis, a olhá-las repetidas vezes, contemplando as caligrafias, o traçado da tinta no papel, daquelas que são manuscritas e pensando em “quadros escritos”, ao invés de pictóricos, naquelas que foram datilografadas. A inclusão de palavras, correções, rasuras, me indicavam que esses textos eram lidos antes de serem remetidos e me levavam a pensar no gesto que transmitia ao papel a determinação do pensamento, a mão que escrevia um pouco da História...

Maior foi o encantamento quando passei a receber as cartas originais: elas eram multicoloridas, ilustradas com desenhos, colagens, perfumes, dobras especiais, letras garrafais,... Abri-las e conhecer seus conteúdos eram ações que remetiam à profanação, sensação que se renovava a cada coleção que me era entregue. Na pessoa da pesquisadora uma bricolage de gratidão, pensares variados, nostalgia, outros sentimentos e alegria, se produzia. Contida, mas inconfundível: alegria. E o objeto material de estudo aflorava, tomava forma, se mostrava como objeto concreto, de manuseio e de possibilidades.

## **2.1. ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL**

Embora não soubesse exatamente para onde essas cartas me levariam, era inequívoca a presença que marcavam, por si só, como objeto, como conteúdo, como história, dando concretude a relações... No entanto, como objeto material de estudo, as cartas a que tinha acesso necessitavam de uma organização. Para esse fim, utilizei uma pasta classificadora em que coloquei separadas as cartas escolares (institucionais) e juntas as da mãe para o filho e do poeta desconhecido (pessoais).

A seguir, quando começaram a chegar as cartas de particulares, percebi que além de separá-las em *pessoais* e *institucionais*, precisaria criar subconjuntos que caracterizassem, de certa forma, os pensamentos e sensações que me

despertavam. Outras pastas também foram necessárias. Para maior compreensão, os agrupamentos então pensados serão expostos separadamente:

– *Cartas históricas* - 46 cartas - Material em que se pode ler com mais ênfase um certo período histórico, seja pela linguagem empregada, eventos citados, moeda corrente, entre outros marcadores que fazem delas indiciadoras de modos de existir que por muito tempo estiveram distantes dos livros, prosseguindo ocultos para uma História, da qual são partícipes.... Aí foram incluídas as cartas vindas do museu - da senhora Victoria Machado para o filho e a carta escrita pelo poeta desconhecido. Num segundo momento foram juntadas também as cartas da senhora Adelina, as cartas enviadas pela mãe de Helena<sup>2</sup> a seu pai e as de Tereza, enviadas por seus avós. Posteriormente, foram também incluídas nesse conjunto as cartas adquiridas no sebo: a carta-bilhete enviada por Lourenço Balbina à sua patroa, datada de 12-07-1935; a carta de C. de Toledo Aguiar para sua irmã, redigida em papel timbrado de um internato, em São Paulo, no ano de 1943; as cartas-bilhete de Maria do Carmo e Geraldina, enviadas ao senhor Jeronymo, em 1921; as duas cartas enviadas da Alemanha para a Suíça, em 1937 e 1944. O período que engloba essas cartas vai de 1862 a 1965.

– *Cartas culturais* - 36 cartas - Sob este “selo” reuni as cartas que trazem considerável inserção de poemas, notícias de jornal, trechos de livros, por vezes inscritos ou anexados ao texto epistolar. Há também nelas evidenciados comentários sobre filmes. Aí estão agrupadas as cartas trocadas pelo Sr. Manoel e a Sra. Sandra, entre 2000-2007 e as cartas de Adriana e Alexandra, do período de 2005-2006.

– *Cartas do “Clube”* - 29 cartas e 7 cartões - Nesta conjunto encontram-se as cartas recebidas por Helena, de Natália, integrante do “Clube da Correspondência”, no período de 2001-2007.

– *Cartas escolares* - 32 cartas e 9 cartões - As cartas trocadas entre Vanessa e Roberta, e as enviadas por Aline à Cris entre 1994-2004 e 2005-2006, respectivamente, ganharam essa denominação porque escritas numa época de suas vidas em que a escola é um espaço de grande importância, possibilitador de saberes outros, não previstos nos currículos. Os currículos escolares muitas vezes

---

<sup>2</sup> Os nomes das cartas disponibilizadas por particulares são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, exceto quando houve autorização expressa dos próprios.

desconsideram que em sala de aula os estudantes continuam sendo, ou seja, por serem alunos, não deixam de ser a pessoa que são, com toda sua história de vida e educação familiar. Não são isentos de cultura, que nem sempre, ou quase nunca é a cultura que a escola visa proporcionar. Muitas vezes, nós professores, ansiosos para ensinar o que acreditamos ser o melhor para nossos alunos aprenderem, conhecimentos que nos são significativos – ou significativos para segmentos hegemônicos da sociedade -, nos esquecemos de que os conhecimentos precisam ser significativos para quem aprende. Isto não quer dizer que se deva privá-los da oportunidade de acesso ao conhecimento que a classe hegemônica valoriza, pois isto os excluiria definitivamente, mas, antes, entender suas formas de resistência a esse conhecimento, e mais, a cultura que vivem.

Seria importante, como sugere McLaren (1977, p. 255), “construir currículos em torno da celebração, validação e questionamento crítico das formas simbólicas e expressivas encontradas nas práticas culturais específicas do meio ambiente dos estudantes”. Neste sentido, convém situar que o ensino do gênero carta nas escolas mantém sua interessância não apenas para que se aprenda um protocolo a ser utilizado no agenciamento de um emprego, ou em outras situações formais, mas porque as cartas são uma forma de comunicação utilizada pelos estudantes e suas famílias, que se correspondem com parentes, amigos e outras pessoas distantes, especialmente daquelas famílias que migraram parcialmente de uma região para outra, no país.

– *Cartas filosóficas* – 3 cartas - As cartas que Rosana recebeu de Mário estão assim classificadas porque trazem grande profusão de questionamentos e exposição de incertezas sobre a vida e a natureza humana. São de 1994-1995.

– *Relatos de viagem* – 33 cartas - Nas cartas recebidas por Marina são bastante freqüentes alusões a viagens que ela e seus correspondentes fizeram, juntos ou separadamente. As cartas trocadas entre Claudia e Marcos também têm essa característica. As de Marina são do período 1996-2003 e de Marcos para Claudia, entre 2001-2003.

Claro está que esse agrupamento é um entre inúmeros outros possíveis; se pensarmos, por exemplo, na ocupação desses signatários e destinatários, veremos que há entre eles diversos professores, de diferentes áreas ou níveis de ensino, em exercício, ou aposentados. Mas em sua atividade correspondente a prática ensinante não tem grande destaque e, por isto, não fizeram emergir

questionamentos ou reflexões relacionadas à educação escolar. É importante ressaltar ainda que essas cartas poderiam receber mais de um “selo”, pois reuni esses conjuntos de acordo com o destaque que um ou outro tema teve em minha leitura, porém, pela variedade de assuntos que abordam e de relações que mediatizam, essas cartas poderiam ser agrupadas de maneiras distintas, dando-se ênfase a outros temas que as “atravessa”.

Gostaria também de destacar a amplitude temporal desse conjunto de cartas. A primeira é de 1862, a última de 2007. Algumas dessas correspondências continuaram no ano de 2008, mas para fins da pesquisa as cartas desse período não foram consideradas. Pode-se notar que há muitas cartas desta década, o que revela a força dessa prática na atualidade, não restrita aos mais velhos. Ao contrário, dos que nos disponibilizaram cartas, a maioria é de jovens ou adolescentes.

Penso ainda ser relevante fazer algumas considerações sobre as cartas adquiridas no sebo. Se para a loja esses documentos se convertaram em produtos filatélicos, não deixa de nos chamar a atenção o fato dessas cartas terem sido mantidas intactas por algumas gerações. Certamente elas não foram escritas e/ou enviadas com finalidade filatélica, o que nos permite pensar que sua guarda também não ocorreu com esse fim. Que caminhos terão percorrido entre a guarda cuidadosa pela significância até se tornarem fonte de rentabilidade?

A seguir farei uma descrição do material coletado, com base numa leitura que se fez em mim: procurei recolher as impressões que o material ia me causando, as histórias que me foram contadas sobre ele, as sensações que obtinha com o seu manuseio...

## **2.2 UMA LEITURA DESCRITIVA DO MATERIAL...**

Tocar esse material, para mim, é como manusear o intangível... Sonhos, sentimentos, o próprio tempo... O material que se retira de cada envelope, na maioria das vezes, traz possibilidades de leituras e sensações que extrapolam largamente o seu conteúdo, sobretudo quando tomamos um conjunto de cartas, o que nos coloca em situação privilegiada, análoga a do leitor de cartas publicadas em livro, referida por Hansen, quando afirma que “os protocolos de leitura são alterados quando as cartas são juntadas em um ‘livro de cartas’, pois a mesma imediatez performativa inicial é dissolvida e elas [as cartas] passam a ser um objeto de

contemplação teórica de um terceiro, o leitor” (HANSEN, apud VALENTIM, 2006, p. 55). Mas essa contemplação não é isenta de envolvimento por parte de quem lê. Aliamo-nos a Camargo (2002) para descrever as sensações que experimentamos ao nos aventurar pela correspondência pessoal de outrem:

Quando menos se espera, se está lado a lado com o outro da carta, da escrita, de início por curiosidade. Depois, porque, pela distância e porque conhecemos o que vem depois, no tempo, estamos num lugar privilegiado, coseguimos entender, ficamos sabendo antecipadamente dos acontecimentos, angústias e prazeres que os envolvidos na cotemporaneidade da carta não sabiam, desconheciam, intuía, talvez. A sensação é quase aquela de entrar no vaivém da máquina do tempo.

Entre ser leitura manuseada, sensível, que me envolve e se tingem das cores do inesperado, não posso deixar de lado a intenção de uma leitura que se propõe, seja descritiva, como mais uma possibilidade de aproximação com o material...

Como não perceber, por exemplo, na correspondência trocada entre Vanessa e Renata, na idade de onze até vinte e dois anos, entre 1994 a 2004, a infância dando passagem para a adolescência, as transformações na caligrafia, as mudanças nas preocupações e ações narradas? Como não se comover com a amizade mantida e reafirmada em cada carta, seja pela disposição em mantê-la à distância, seja pelas palavras escritas, ou pelos desenhos, colagens, cartões enviados de cidades visitadas, e até mesmo nas dobras cuidadosas, que requerem carinho para que sejam abertas sem que se rasgue o papel? Nessa fase em que trocam correspondência é muito presente a escola e seus acontecimentos: a vida escolar que lemos nessas cartas nos possibilitou pensar na beleza do ineditismo com que nós, seres humanos, vivemos histórias tão semelhantes às histórias dos nossos contemporâneos e dos que nos precederam...

A vida escolar é também tratada com vigor na correspondência trocada entre Manoel e Sandra, embora em suas cartas se refiram ao ensino superior, onde se conheceram, não mais ao ensino fundamental e médio. A correspondência que nos foi disponibilizada pelo senhor Manoel, trocada no período de 2000 a 2007, com a amiga da faculdade de Letras, da PUC de Campinas, cursada parcialmente por ele nos anos 1950 e concluída por ela em 1959, nos fez experimentar a sensação de que podemos nos aproximar com intensa vividez de quem fomos ontem, ou há meio século... Esses dois amigos, separados por cerca de quarenta anos, se

reencontraram quando uma rede de farmácias divulgou em sua revista uma reportagem com o sr. Manoel, intitulada “Senhor Enciclopédia”, e o seu contato, em Rio Claro. A professora Sandra leu essa reportagem em Catanduva, onde mora, e o reencontro se deu pelas cartas, já que os planos de se encontrarem pessoalmente não puderam se concretizar... Impressionou-me o cuidado que o senhor Manoel dispensa às cartas: ele não apenas arquiva as que recebeu, em ordem cronológica, como anexa cópia da resposta que enviou à senhora Sandra. E guarda também uma “tradução” das cartas recebidas, porque a caligrafia da professora é miúda e difícil de entender, e ele se preocupa em torná-las legíveis para a sua esposa e uma amiga em comum com a senhora Sandra, pessoas com quem compartilha essa correspondência. Embora recentes, essas cartas têm suas páginas tingidas de saudade...

Planos para encontros pessoais são recorrentes na correspondência de Fernanda e Marina, nos anos de 1996 a 2003. Conhecemos apenas as cartas de Fernanda, no total de 14, que Marina disponibilizou, juntamente com as cartas recebidas de outros cinco correspondentes, no período de 1999 a 2003. A conversa que se lê nesse material vem de vozes diferenciadas, um mesmo assunto ampliado por pontos de vista diferentes...

Vozes diferenciadas também nos chegam das cartas que consultamos no museu, em Rio Claro. A maioria, em número de 10, são cartas escolares, das décadas de 1920 e 1930, enviadas pelo diretor da escola à sua secretária. Embora se trate de uma correspondência comercial, em que os assuntos mais recorrentes são o andamento da escola e questões relacionadas ao trabalho na secretaria desta, um toque de informalidade as atravessa: assuntos pessoais são tratados marginalmente e é curioso ver o Cel. Joaquim Ribeiro tratar sua secretária, Olivia, pelo apelido, Neneca. A amizade parece invadir o rigor do coronel... Outras duas cartas são de uma senhora, Victoria Machado, a seu filho, Nezinho. Datadas de 1902, não trazem maiores informações sobre essas pessoas ou suas histórias, mas me deixaram mergulhada num misto de aflição e curiosidade pelo “negócio sério” que ela menciona ser urgente, mas não conta o que é. Há ainda uma carta de 1931, endereçada ao presidente da República que, pela ilegibilidade da caligrafia, nos impediu, até o momento, de conhecer seu conteúdo. Por fim, das cartas coletadas no museu, uma muito me chamou atenção pela data em que foi escrita, 1862, cuja ilegibilidade fomos superando gradativamente, até que o seu conteúdo inusitado

fizesse algum sentido: o signatário fala da sua não-morte e faz dessa carta uma contumaz afirmação da sua vida. Não sabemos ao certo quem é ele, tampouco a quem foi endereçada. Mas há fortes indicações no texto de que essa carta tenha sido escrita por um poeta. A própria carta é que nos traz elementos para tentar compor o contexto desconhecido, em que foi escrita...

Diferentemente, as cartas que a Sra. Adelina nos confiou, vêm circundadas pelas histórias que ela conta com um misto de ansiedade e pudor, porque está colocando em nossas mãos parte do relicário da sua família: uma carta que recebeu de seu pai quando passava férias na casa de sua prima, na década de 1940, outras duas trocadas com seu irmão. A primeira, de 1954, que ela enviou a ele e a segunda, de 1957, em que ele conta que concluíra a faculdade e iniciava seu trabalho como professor, numa outra cidade. Há ainda uma carta mais antiga, recebida por seu pai, imigrante português, em 1928, de um irmão que ficara com o restante da família em Portugal. A carta foi a última comunicação que seu pai teve de sua família; sua resposta a ela e tentativas subsequentes de contato resultaram improdutivas. Sua história me leva a pensar no lugar de estrangeiro que vamos ocupando desde que nascemos e em todas as situações em que somos forasteiros ao longo da vida: a nova escola, novo bairro, nova língua... mudar de lugar geográfica ou socialmente é fazer-se estrangeiro - o estranho - a princípio no novo lugar, depois estranho ao próprio lugar de origem...

Estrangeiras também são duas cartas que nos chegaram às mãos num sebo, na cidade de Rio Claro. Entre outras cartas adquiridas naquele local, essas nos intrigam mais porque trazem a marca da interdição, da proibição à expressão, que o regime nazista imprimia na maior parte dos objetos postais circulantes na Alemanha, no período em que foram escritas. A primeira é de 1937, e a segunda de 1944. Ambas enviadas para a Suíça, aparentemente por diferentes signatários a destinatários também distintos, elas nos contam, sem nem mencionar, aspectos de assujeitamento e dor ocorridos na História que balizam, da Segunda Guerra Mundial.

Também da década de 1940 são as cartas disponibilizadas por Helena. Essas não remetem a histórias de dor, mas de aproximação e amor. São as cartas que sua mãe enviou ao seu pai, quando eram ainda namorados. Porque chegamos tão perto da intimidade sentimental de alguém que não conhecemos, nos sentimos invasivos e ao mesmo tempo gratos por ter nas mãos delicadezas materializadas pela escrita.

As cartas de seu pai não pudemos conhecer porque foram queimadas, a pedido dele, por uma tia, após sua morte.

Mas conhecemos outras cartas, da própria Helena, que há oito anos participa do “Clube da Correspondência” e nos permitiu conhecer as cartas escritas por Natália, sua correspondente do Espírito Santo. Nessa história, a correspondência subverte sua finalidade primeira e acaba por fundar uma ausência que não havia, uma amizade que afugenta uma saudade antes anônima e que dá oportunidade para a escrita de si... Diante desse material, me vêm com força à lembrança um fragmento que recolhi, de Fernando Pessoa. A memória falha em resgatá-lo exato, vou ao caderno em que está copiado e transcrevo as palavras do poeta: “com uma tal falta de gente coexistível como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou quanto menos, os seus companheiros de espírito?” Serão os integrantes do “Clube da Correspondência” impulsionados para a atividade correspondente movidos por sentimentos semelhantes aos do poeta?

Outras histórias de correspondência, cujas cartas nos foram disponibilizadas, também começaram sem que os interlocutores se conhecessem: as cartas que Cláudia recebeu na troca de correspondência que estabeleceu com o primo de uma amiga, de Recife, sem que nunca tenham se conhecido nos dois anos em que se escreveram, nem depois.

Já Rosana e Mario são amigos que se afastaram quando ele se mudou para outra cidade. Suas cartas são de grande entrega, nota-se que a amizade entre eles é um elo de profunda confiança.

Solto a imaginação, assim como o menino solta pipas, na ilustração que diversas vezes aparece colada nos envelopes das cartas que Alexandra envia para Adriana. São tão sugestivas as imagens e o colorido dos envelopes de ambas que quase me esqueço de que o conteúdo que envolvem é assim também, ao mesmo tempo denso e festivo, singelo e atraente... Adriana e Alexandra moram na mesma cidade no período de férias, mas Adriana mora num outro local durante o período letivo, onde cursa a faculdade de Letras. Alexandra é psicóloga. Um dia se encontraram na rua e começaram a conversar. Acompanhadas de seus namorados, foram para um bar, onde a conversa se prolongou e, pelas afinidades percebidas no seu decorrer, elas decidiram se corresponder. Ambas me cederam suas cartas, vinte e uma no total, trocadas desde 2005 a 2006.

Do mesmo período, nos chegaram pela Cris as cartas que ela recebeu de Aline, que se mudou para Manaus, quando estavam na quinta-série... História de correspondência que se assemelha às histórias de Vanessa e Renata, Amanda e Cibele ... O igual e o diferente em nós...

Por fim, as cartas de Tereza, escritas há cerca de 45 anos por seus avós, porque queriam manter um elo com a neta no futuro, quando já não estivessem juntos. Em nossas mãos não são outra coisa, senão amor materializado.

### 3. CARTAS: A COMPOSIÇÃO DE UM MOSAICO TEÓRICO

Na trajetória que empreendemos desde a constituição de nosso objeto de pesquisa, muitos questionamentos foram sendo provocados, em especial depois do contato com o *corpus* documental, gerado em decorrência de produção das práticas culturais disseminadas de escrita e leitura.

Dentre esses questionamentos, despontaram com força aqueles ligados ao eu como signatário, à figura de quem escreve cartas: no material que reunimos esse eu/autor de textos epistolares marca de modo inequívoco seu lugar como sujeito. Em sua subjetividade, esses atores de práticas culturais de escrita e leitura nos motivaram a conhecer mais sobre a realização dessas práticas e seu estudo, no campo da História Cultural; sentimos necessidade também de nos aproximar de estudiosos da linguagem para compreendermos melhor a expressividade dos sujeitos falantes/escritores, cuja escrita pode ser reflexiva e ganhar nuances autobiográficas. Por fim, a questão da temporalidade nos chamara a atenção na leitura das cartas que coletamos. O tempo em que foram escritas, que permaneceram guardadas, o tempo da produção como texto escrito, os tempos que narram... Questão complexa, a temporalidade demandou a aproximação com autores que tratam dela numa articulação com a linguagem e a narrativa, uma vez que o estudo do tempo em outras instâncias nos distanciaria da compreensão do material que nos foi disponibilizado.

Os tópicos aqui trazidos serão, portanto: cartas como objetos culturais; aspectos da linguagem e da narrativa autobiográfica e ainda uma leitura da questão da temporalidade. Convém esclarecer, como o fizemos quando descrevemos a organização do material, que esses campos do conhecimento não são compartimentados, apenas os tomamos em separado com o intuito de favorecer nosso entendimento acerca de cada um deles. Trataremos primeiramente das cartas como objetos resultantes de uma prática cultural disseminada. Para tanto, nos aproximaremos de pensadores ligados à História Cultural, como se verá a seguir.

### 3.1 A ESCRITA DE CARTAS COMO PRÁTICA CULTURAL

As cartas pessoais encontram um âmbito muito próprio para serem estudadas na perspectiva da História Cultural, cuja proposta, claramente apresentada por Pesavento (2005), de entender uma determinada realidade por meio de representações construídas, nas quais os homens expressam a si mesmos e o mundo - sejam elas discursivas ou imagéticas -, faculta a inclusão nos estudos históricos de fontes não oficiais públicas ou particulares, como correspondência, diário, papéis avulsos, entre outras.

Representar significa presentificar, tornar presente um ausente e neste sentido as cartas oferecem ampla possibilidade representacional: como que substituem o signatário para aquele que recebe sua carta, porque entre eles dá-se uma tangibilidade. Tocar o papel sobre o qual o outro se debruçou, ler as palavras grafadas pela tinta vertida pela sua caneta, até mesmo imaginar se sua saliva colou o envelope fazem da carta um objeto pleno de marcas deixadas pelo outro... As cartas “substituem” também a realidade em que foram escritas. O termo substituir não deve ser entendido como cópia perfeita do real, mas como uma construção feita a partir dele, ou seja, uma reconstrução.

Ao estudar o passado, por exemplo, o historiador tenta acessá-lo por meio dos registros e sinais que chegam dele, procurando decifrá-los, a ler códigos de um tempo que não o seu, isto é, configurando o passado, construindo uma narrativa sobre ele, já que a apreensão total desse tempo é impossível. Assim, a História Cultural, “se torna uma representação que resgata representações, que se incumbem de construir uma representação sobre o já representado” (PESAVENTO, 2005, p. 43). Em outras palavras, para construir uma explicação dos traços do passado que lhe chegam, o historiador os reconstrói em sua escrita, o que faz de seu texto uma composição desses dados com sua subjetividade e imaginação.

Deste modo é possível entender como a História é prenhe de ficcionalidade, e a ficção se aproxima da História, porque os acontecimentos contados na narrativa ficcional são fatos narrados para a voz narrativa, como se tivessem realmente ocorrido. Esses acontecimentos se assemelham aos fatos narrados pela História, mas se distinguem por liberar possibilidades de acontecer, não efetivadas no passado, mas nas quais o leitor se reconhece e identifica a temporalidade.

Delineada a posição das cartas pessoais nos estudos da História Cultural, importa ressaltar que na sociedade atual, organizada de modo a valorizar a

efemeridade e o consumismo da produção cultural, as práticas de escrita e leitura, inclusive de cartas pessoais se constituem como táticas de expressão que subvertem condicionamentos impostos, se constituindo como fazeres de resistência (CERTEAU, 1996, p. 99-102).

Para entender como acontece essa tática de resistência, olhemos primeiramente para a leitura, tida em nosso país como prática privilegiada de elites econômica ou cultural: a maior parte da população ficaria excluída do acesso a materiais de leitura, por ser iletrada ou por falta de recursos financeiros para comprá-los, ou ainda por ambos os fatores, combinados. Segundo Chartier (1999), esse modo macro de olhar a questão desconsidera que a falta de recursos pode ser sanada pela socialização de livros, efetivada por meio de bibliotecas públicas e de empréstimos pessoais, desconsidera também que iletrados têm acesso a leituras orais de textos religiosos e políticos, e se expandirmos o sentido do termo, à leitura de imagens e do mundo que o rodeia.

É preciso considerar também que a leitura é uma prática subjetiva, um texto pode ganhar sentidos outros que o pretendido pelo mercado editorial quando lança um material de leitura, apesar dos marcadores tipográficos que tentam “guiar” o leitor na sua viagem interpretativa, na visão de Chartier (2001). Deste modo, a leitura que parece uma prática passiva, sujeita à vontade dos editores e autores, pode seguir por lugares inesperados...

A escrita, que tem uma marca autoral ainda mais clara do que a da leitura, é prenhe da subjetividade de quem a pratica. Talvez a escrita, ainda mais do que a leitura, seja vista como privilégio de eruditos. O mercado editorial de fato restringe o acesso às publicações, seja porque age movido pelo interesse do que é financeiramente rentável, seja se colocando no papel de juiz, escolhendo o que seja “de qualidade”. E não é só. O mercado livreiro procura direcionar o que será recebido pelo público, fazendo propagandas e facilitando o acesso nas livrarias do que quer vender. Mas não faltam exemplos de táticas que subvertem esse condicionamento. Talvez a literatura de cordel seja o mais duradouro, mas podemos lembrar também círculos literários que publicam e promovem os textos de seus integrantes. E, sem dúvida, as cartas pessoais.

Nas palavras de Camargo (2000),

[a escrita de cartas pode ser pensada] como prática cultural pelas marcas, gestos, atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas, configuradas a partir de competências, modelos, códigos, interesses socialmente construídos, revelada nos modos singulares de apropriação e expressão (CAMARGO, 2000, p. 88)

A prática correspondente também subverte os condicionamentos socialmente impostos, relativos à competência escritora e fator econômico: as cartas enviadas sob a designação de “carta social” pagam apenas R\$0,01 (um centavo). Há livros didáticos que trazem essa informação e ajudam na difusão, pela escola, da existência desse facilitador. Com relação à competência escritora, lembramos ser freqüente nas famílias que se mudam em parte de uma cidade ou de um estado para outro, a escrita a várias mãos, feita pelos membros da família remanescentes, que se unem para escrever aos que foram embora, ou vice-versa. Há também os serviços de escriba, que auxiliam na escrita de cartas.

Essa prática aponta para uma visão ampliada de escrita, que não se dá somente pela representação do pensamento, por sinais, na folha, mas que pode ocorrer pela articulação pensamento/fala, com o auxílio de uma mão que viabiliza a representação, agindo com alguma intencionalidade. Porque apenas “desenhar” letras numa folha, sem intencionalidade, não é escrever. Assim fosse, os copistas que se ocupavam de manuscruver os livros que eram divulgados antes da invenção da imprensa, no século XV - e mesmo depois, até que o Iluminismo propagasse a leitura e a escolarização massiva (CERTEAU, 1996, p. 261) - , seriam considerados os autores desses livros. Talvez possamos pensar em co-autoria...

Não é possível falar da escrita sem falar do eu que escreve. Nos dois próximos tópicos, então, trataremos do autor da escrita: no primeiro abordaremos possibilidades desse eu escritor de inscrever-se em seu próprio texto; depois discorreremos sobre a figura do autor como um ser de linguagem e, portanto, inserido num meio social.

### 3.2 O DESDOBRAR-SE NA ESCRITA EPISTOLAR: A ESCRITA DE SI

As práticas de leitura e escrita podem dar importante contribuição na formação de si. Referindo-se aos *hupomnêmata*, uma espécie de caderno em que os gregos, na cultura filosófica pré-cristã, faziam suas anotações pessoais, Foucault (1983) afirma que esses registros pessoais eram considerados valiosos para três propósitos principais: recolher as leituras feitas, evitando-se a dispersão e o esquecimento; reunir aforismos heterogêneos e com eles compor um texto autoral, que poderia servir como pré-texto de textos epistolares.

Embora os textos epistolares sejam escritos para um destinatário, para o outro, eles também contribuem na formação de si, porque, “ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz” (SÊNECA apud FOUCAULT, 1983, p. 153).

Deste modo, o texto epistolar propicia o exercício de si, pela leitura que o signatário faz de suas próprias palavras no texto que escreve, mas também ecoadas na resposta que recebe: o signatário dá dicas, adverte, ensina; em troca lhe chegam palavras de louvor, concordância, ou divergência, ou até mesmo o silêncio... Assim, a carta oferece ao destinatário, mas também ao signatário, uma possibilidade de reflexão, que pode ser entendida menos como um decifrar-se por si, e mais “como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1983, p. 157).

Neste sentido, diz Bakhtin (2003), deixar-se examinar, oferecer-se ao olhar do outro é investi-lo de uma “autoridade afetuosa”, é deixar-se guiar pelo outro, o que não significa, contudo, prover-se de seus recursos, ou buscar o mundo do outro em si, mas saber-se no mundo do outro.

Se o outro é quem mostra em que mundo o eu está inserido, e por decorrência, quem é, ele é também “contextualizado” por outros, numa grande trama, de modo que

La construcción del sentido de la historia de nuestras vidas y de nosotros mismos en esa historia es, fundamentalmente, un proceso interminable de oír y leer historias, de mezclar historias, de contraponer unas historias a otras, de vivir como seres que interpretan y se interpretan en tanto que ya están constituidos en ese gigantesco hervidero de historias que es la cultura. En la autointerpretación narrativa no hay inmediatez, ni acceso privilegiado, ni pura privacidad. Si trata más bien de una actividad constructiva, imaginativa, compositiva. Y ahí, el sujeto de la autoconsciencia aparece como el autor de un personaje que es él mismo. (LARROSA, 1996, p. 472)

A escrita de si tem ainda uma outra dimensão, que difere de oferecer-se ao olhar do outro para conhecer-se ou situar-se no mundo dos outros, mas é presentificar-se para o outro, “fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (FOUCAULT, 1983, p. 161-162).

Ainda segundo o autor, a presentificação de si para o outro, nas cartas, se dá pela descrição das sensações do corpo, o que se sente, o que se sofre, mas também os remédios, dietas, meios utilizados para alcançar a cura de algum mal que tenha acometido o signatário; ela se dá também pelas impressões que a alma sofre nessas circunstâncias e se dá ainda pela descrição de um cotidiano esvaziado de ações grandiosas: ao contar ao seu interlocutor as ações prosaicas de um dia vivido sem acontecimentos marcantes, mas que deixam ver o modo de viver (de ser?) de quem escreve. Essa presentificação, então, seria menos uma persuasão direta e mais uma influência, algo como um apelo sutil que o signatário lança, pedindo para ser olhado como ele próprio se vê, não como é visto pelos os olhos do destinatário.

Para ilustrar essas reflexões, reproduzimos uma carta de Clarice Lispector (2002) enviada às suas irmãs:

Lausanne, 13 de julho de 1946

Elisa, Tânia,

escrevo de Lausanne, sentada no parapeito do lago Lemán. Perto de uma orquestra com uma mulher tocando violino, uma marcha meio valsa, meio militar. Junto tem um hotelzinho estreito chamado Hotel du Port. Há montanhas a pique na outra margem do lago. Há uma fontezinha dividida em três ramos sobre uma bacia de pedra. Há uma criança comendo um biscoito. Uma mulher de chapéu branco num barco. Vocês quase que podem adivinhar que é sábado de tarde. O lago é de água doce e tem um cheiro gostoso de água. O lago é enorme e transparente. Junto de mim é esverdeado. Mas do meio para o fim está da cor do céu e a montanha mesmo está da cor do céu. Hoje a noite vai ter uma festa noturna no lago, sobre um barco. No banco está sentada uma mulher com o chapéu preto e fita branca enterrado até os olhos como em 1920 e tanto, lendo jornal. Isso que estou sentido pode chamar de felicidade. Só que a natureza se faz tão estranha que o próprio momento de felicidade é de temor, susto e apreensão. É pena que não possa dar o que se sente, porque eu gostaria de dar a vocês o que sinto como flor. Compreendo que ontem em Berna, quando recebi carta de vocês, ficasse tão aflita. Talvez fosse de alegria – e de não poder dar esta mesma alegria naquele mesmo instante. Um momento muito forte como o de ontem sempre arrasta tudo para ele: arrastou

todos os meus pecados que Deus não precisa castigar porque neles mesmos vem o castigo. Pecado do egoísmo, de indecisão, pecado de deixar morrer gente de fome e comer, pecado de não entender o mundo, pecado de amar demais, pecado de não saber amar. Vi um filme idiota onde o rapaz dizia: eu gosto de você. E a moça dizia: eu sei, mas não gosto do jeito pelo qual você ama as pessoas. Eu sei, é preciso dar muito mais do que dou. É também de minha natureza carregar nos ombros a culpa do mundo. Uma pessoa só pode apenas sucumbir. Foi isso que fiz chorando no cinema e aliviando uma mágoa confusa. O início disso tudo foi a carta de vocês que eu botei junto ao coração para sentir o calor dela e dormi assim, e mesmo agora, sentada junto ao lago, tenho a carta na mesma posição, com o envelope me arranhando um pouco. Não incomoda, é como um aperto de mão um pouco mais forte. Agora tem um passarinho se aproximando da fonte. E dois meninos passaram, me olharam e continuaram a falar em francês. Fomos há pouco ver uma exposição de pinturas holandesas, de Van Gogh para cá. Eu estava vendo pacificamente com a cabeça. De repente vi um pequeno quadro *Vers de Soir*, de um pintor chamado Karsen. Entendi muito bem o que você disse, Tânia, sobre a paisagem que se misturou com você. Esse quadrinho finalmente me dominou. É uma casa no cair da noite. Não posso descrever. Tem umas escadas, umas heras, o branco é azulado e tudo um pouco escuro; tem umas estacas – é um fim de caminho no mato. Gosto de muitas coisas; mas de repente uma coisa não é o que a gente está vendo e acima dela não existe mais nada, pelo menos por um instante; não sei se estou me explicando bem.

Toda essa carta foi uma tentativa malograda de tirar um retrato deste lugar junto ao lago Lemán, porque esqueci de trazer a máquina. E aproveitei a ausência da máquina para tirar o retrato desse momento também. Que Deus abençoe vocês e lhes dê uma alma luminosa. A paz esteja com vocês, minhas queridas.

Clarice

Parece-nos, que nessa carta Clarice nos leva num passeio em que contemplamos o que ela vê, ou olhamos o mundo que seus olhos vêem... Olhamos para Clarice...

Tratamos até aqui de modos pelos quais o eu que escreve se inscreve em seu próprio texto epistolar, resta olhar com mais cuidado para a inscrição do outro, destinatário, no texto epistolar. É esse olhar que propomos a seguir.

### 3.3 *TE ESPERO EM CARTA*<sup>3</sup>... - A PRESENÇA DO OUTRO NAS CARTAS PESSOAIS

As cartas pessoais, diz Barthes, são dedicatórias, inscritas não num cartão que se anexa a um presente, nem num livro, obra de arte, ou outro objeto. Cartas dedicam o texto... E dedicatórias, diz o autor, mais do que presenteiam alguém, presentificam aquele que recebe o objeto de afeto, e se constituem assim como uma operação em que o outro é envolvido e não sobrescrito. “Ela é, mais profundamente, uma inscrição: o outro está inscrito, inscreveu-se no texto, deixou seu rastro, múltiplo” (BARTHES, 2003, p. 103-110).

Desta forma, a figura do destinatário pode ser divisada em um texto epistolar por meio dos assuntos que com ele são tratados, pelo modo como tais assuntos são abordados e pela própria apresentação da carta. Ao escrever, o signatário busca a palavra mais precisa, a linguagem mais adequada, cuida para que a pontuação e sinais gráficos dêem pistas da entonação que quer dar e não se limita à palavra escrita, podendo incluir desenhos, caligrafia caprichada, recortes, adesivos, cores, texturas, odores, envelopes diferenciados, dobras...

Todas essas modulações da linguagem na carta enviada estão impregnadas da idéia que se tem do outro, o destinatário. O signatário procura construir seu discurso antecipando-lhe possíveis reações e respostas ao que está dizendo e, desta forma, a carta que parece tão fundada no eu, um texto de uma só voz, na verdade é portadora, em seu conteúdo e forma, da idéia do outro:

É própria da carta uma aguda sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta. (BAKHTIN, 1981, p. 179).

A interlocução, identificada por Bakhtin na obra de Dostoievski, na qual se evidencia o tratamento dialógico que aquele autor, em seu processo de criação realiza, posicionando a personagem no presente da narrativa, falando não dela, mas com ela, e assim possibilitando que se constitua como interlocutora e não como mero objeto mudo do discurso do autor. Porque reúne um coro de vozes que se

---

<sup>3</sup> *Te espero em carta.* – Frase de despedida, lida na correspondência do escritor Caio Fernando Abreu (2002).

fazem ouvir, a narrativa de Dostoievski é polifônica e assim também podem ser os conjuntos de cartas pessoais que lemos...

Sêneca já visualizava, há cerca de dois mil anos, o autor como aquele que unifica um coro de vozes que o acompanha:

É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve: porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma... Gostaria que fosse assim com nossa alma, que ela tivesse boa provisão de conhecimentos, preceitos, exemplos retirados de muitas épocas, mas convergindo em uma unidade. (Sêneca apud FOUCAULT, 1983)

Assim, caracteriza-se um outro aspecto do caráter dialógico da escrita de textos, da qual faz parte a escrita epistolar: fala-se de outros ao outro, destinatário da correspondência. Citações, comentários, relatos, poemas e mesmo falas proferidas por outrem são inseridos numa carta. O diálogo que se estabelece entre remetente e destinatário não fica restrito a esses dois atores, mas muitos outros são lembrados, quando não, são o tema principal da correspondência enviada, o que remete ao fenômeno da intertextualidade referido por Larrosa (1996):

[...] la posición de autor, incluso la de autor de sí mismo, es la de alguien que construye textos em relación a otros textos. Un autor es, fundamentalmente, una biblioteca. Lo que somos es, por tanto, un fenómeno de intertextualidad.

Por meio do eu que escreve, outras vozes falam... Conforme afirma Bakhtin (2003), as palavras do outro trazem consigo a sua expressão e o seu tom valorativo que são assimilados, reelaborados e/ou re-acentuados pelo eu que escreve.

Deste modo, o social está inserido no texto, não apenas porque o autor se remete a outros, mas, primordialmente porque a linguagem que utiliza é fruto, produção e produtora de uma interação social (VYGOTSKY, 1999).

Não entramos em contato com as palavras “em estado de dicionário”. Conhecemos, assimilamos, e incorporamos em nosso discurso as palavras proferidas ou escritas no enunciado do outro. Enunciado, estabelece Bakhtin, é a unidade básica do discurso, que pode ser falado ou escrito e pressupõe a interação entre os sujeitos falantes e/ou escritores. O destinatário do discurso escrito ou falado não é passivo. Ao contrário, ao ler/ouvir um ele se coloca numa atitude responsiva,

concordando ou não com o que foi escrito/dito, ele responde ao que o signatário/falante lhe remeteu/disse.

Desta forma, o outro presentificado na escrita epistolar se refere ao destinatário, mas também é um outro plural, de que é constituído o signatário, por suas relações sociais, bem como o destinatário. Essa dicotomia entre o singular e o social nos seres expressivos faz com que sejam a um só tempo, parte e todo, sujeito e objeto, compositor e instrumento...

Trazer do passado para o presente... Presentificar o outro, presentificar-se no texto que escreve... Todos os pontos discutidos nesses apontamentos teóricos convergem para essa qualidade do texto epistolar de tornar presente, fazer superar a ausência, que é espacial, mas também temporal, de compor com o que a memória mantém vivo do que passou. Por essa recorrência da questão da temporalidade nos tópicos tratados até aqui e nas leituras das cartas, propriamente, ela será aqui examinada mais minuciosamente.

Antes de iniciarmos seu estudo, porém, trazemos compilados os dados colhidos em bases de dados online, em que procuramos teses e dissertações que tenham tomado cartas pessoais para estudo, mais uma fonte de conhecimento sobre o assunto. Procuramos saber da relação cartas pessoais e temporalidade, questão que mais inquietava no momento das buscas. É sobre essa pesquisa nas bases de dados que trataremos a seguir

### **3.4 A QUESTÃO DA TEMPORALIDADE PESQUISA NAS BASES DE DADOS ONLINE**

Inúmeros aspectos podem ser examinados quando cartas são tomadas por objeto de estudo, conforme constatamos em nossa pesquisa nas bases de dados online do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT ([www.ibict.br](http://www.ibict.br)) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES ([www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)). Pesquisamos naquelas bases de dados por teses e dissertações defendidas nos vinte anos anteriores ao início da nossa pesquisa, período compreendido entre os anos de 1987 a 2007.

As buscas nas bases de dados se deram pela combinação de palavras-chave do nosso trabalho, agrupadas de três em três: cartas, questão da temporalidade, ato de ler, ato de escrever e práticas culturais. Combinadas deste modo, essas palavras não trouxeram quaisquer resultados de trabalhos desenvolvidos. Por isso,

modificamos algumas delas, procurando, contudo, preservá-las o sentido. Assim, passamos a combinar, ainda em grupos de três palavras, cartas, tempo, leitura, escrita, práticas culturais, acrescidas das palavras linguagem, memória e biografia. Depois, fizemos combinações com dois termos, em que a palavra cartas foi substituída por cartas pessoais.

Totalizaram-se trinta combinações, cujas buscas resultaram em quatrocentos e trinta e oito teses ou dissertações. Desse total, duzentos e trinta e nove se referem a estudos realizados com cartas pessoais.

Após a leitura dos resumos e uma leitura mais detalhada de alguns trabalhos, verificamos que o maior número de estudos, sessenta e quatro no total, focalizou as práticas culturais, sobretudo de escrita e leitura, nas cartas pessoais. Vinte e sete trabalhos tomaram cartas pessoais para fins biográficos, outros vinte e dois para a construção de perfis psicológicos. Apenas oito trabalhos se relacionam ao estudo de cartas em projetos escolares, para ensino/aprendizagem da escrita de cartas. Em dez trabalhos foi problematizada a questão de gênero em cartas pessoais. Foram encontrados quarenta estudos focalizando a articulação cartas pessoais e linguagem; trinta e cinco objetivaram fazer estudos lingüísticos; e ainda outros trinta e três tratam da escrita epistolar na literatura.

Não encontramos nenhum estudo enfocando questões da temporalidade e cartas pessoais, então decidimos ampliar a busca, substituindo o termo “cartas” por “escrita epistolar”. Dos trabalhos que retornaram, grande parte era repetição daqueles encontrados previamente, apenas dezoito diferiam da busca anterior, sendo que desses, apenas cinco tratavam da escrita epistolar pessoal. Dois deles faziam estudos lingüísticos, um do ensino do gênero carta no ensino fundamental e os outros dois, estudos biográficos de escritores.

Concluída a busca e lidos os resumos dos estudos com cartas pessoais, passamos a ler os trabalhos completos que tinham alguma ligação com o estudo que estávamos desenvolvendo. Aqueles que ofereceram alguma possibilidade de análise foram incorporados a este texto e figuram nas referências bibliográficas.

Importa destacar que nos dados obtidos nessa busca revela-se a intensificação, nos últimos anos do período pesquisado, de estudos que tomam cartas por objeto, em relação aos primeiros anos (1997-2000), o que parece indicar o reconhecimento da importância, no meio acadêmico, das práticas culturais em que se inserem a escrita/leitura de cartas.

Apenas um, dentre todos os trabalhos que voltaram, faz um estudo da questão da temporalidade, mas na área da lingüística, comparando manuais de redação comercial das décadas de 1940 e 1990.

Aproximamo-nos então de estudiosos das questões da temporalidade e, mais particularmente, da articulação destas com a linguagem. A fim de introduzirmos essas questões, recorreremos à literatura, transcrevendo fragmentos de um conto de Borges (1975), que metaforiza, no nosso entender, a figura do autor que, ao criar, narrando, cria temporalidades outras, entremeadas, infinitas, pelas quais o leitor pode se arriscar...

### **HÁ MUITO TEMPO, TANTOS TEMPOS...**

“Governador de sua província, [Ts’ui Pên], douto em astronomia, em astrologia e na interpretação infatigável dos livros canônicos, enxadrista, famoso poeta e calígrafo: abandonou tudo para compor um livro e um labirinto”. Quando morreu, seus herdeiros encontraram apenas “manuscritos caóticos”, “rascunhos contraditórios”, ininteligíveis, nenhum labirinto... Mas o enigma se desfez para um estudioso que, ao ler o fragmento de uma carta caligrafada compreende que a obra deixada era também o labirinto construído por Ts’ui Pên, um labirinto que tematiza o tempo: “Deixo aos numerosos futuros (não a todos) meu jardim de caminhos que se bifurcam”.

Ts’ui Pên “acreditava em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades”.

Essa apresentação do tempo labiríntico que Borges apresenta em *O jardim dos caminhos que bifurcam* sucede muitas outras proposições que o homem, desde a Antiguidade fez sobre o tempo.

Algumas dessas proposições são trazidas na obra *Tempo e Narrativa*, em que o filósofo Paul Ricoeur apresenta, na primeira parte do Tomo I, a análise que Santo Agostinho faz do tempo e a análise da teoria da intriga dramática, por Aristóteles, para concluir que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência” (RICOEUR, 1994, p.85, TOMO I).

Embora neste trabalho estejamos focalizando cartas pessoais e não narrativas literárias, visualizamos uma possível aproximação com o pensamento formulado por Ricoeur, porque as cartas pessoais são também constituídas por narrativas, podendo ainda, se tomadas num conjunto, compor uma narrativa ficcional ou histórica.

Em sua busca para entender o que seja o tempo, Agostinho (2002), em suas *Confissões*, refuta a idéia de que ele seja o movimento de corpos externos, mas, retomando a concepção de Plotino, para quem o tempo “é a vida da alma e consiste no movimento graças ao qual a alma passa de uma condição de sua vida para outra” (Plotino apud Abbagnano, 2000, p. 946), estabelece a ligação do tempo com nossa interioridade. Para chegar a essa formulação, o pensador faz uma longa trajetória argumentativa, dialogando com o pressuposto cético sobre o tempo: “o tempo não tem ser, posto que o futuro ainda não é, que o passado não é mais e que o presente não permanece”. Mas se o tempo não é, como nos referimos a ele como tendo ser?

É portanto a linguagem que oferece resistência à tese do não-ser temporal, se opondo ao argumento cético, porque “dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas foram e que as coisas presentes passam”. Mas a linguagem também não resolve totalmente a questão, advérbios de negatividade delimitam a questão: “como o tempo pode ser, se o passado não é mais, se o futuro não é ainda e se o presente nem sempre é?”<sup>4</sup>.

A linguagem também é comprovadora de uma medição do tempo, “dizemos um tempo longo e um tempo curto e de certo modo, observamos a extensão e fazemos medições da alma a si mesma”, o que resolveria o paradoxo da medida do tempo: “Como medir o que não é?”, mas novamente ela é insuficiente para explicar o como, apenas afirmando a existência da medição. Além disso, o uso da linguagem instaura outro questionamento: por que apenas passado e futuro podem ser medidos? Efetivamente, não dizemos que o presente é curto, ou longo. No entanto, pondera Agostinho, nós percebemos os intervalos de tempos, e até mesmo os comparamos entre si. Deste modo, o presente não é, o que se dá é a medição do tempo no momento mesmo em que passa.

---

<sup>4</sup> Os grifos são nossos.

Uma vez mais a linguagem vem responder ao questionamento que se impõe sobre essa medição do tempo em seu decorrer: se falamos de coisas passadas, ou seja, lembramos, e também falamos do futuro, isto é, fazemos previsões, há um passado e um futuro no presente. Passado e futuro deixam de ser por si, passam a ser modulações do presente:

Narramos as coisas que consideramos verdadeiras e predizemos acontecimentos que ocorrem tal como os havíamos antecipado. É pois sempre a linguagem, assim como a experiência e a ação, que esta articula, que resiste ao assalto dos cétricos (RICOEUR, 1994, p. 26)

Ao narrarmos as coisas acontecidas no passado, contudo, a memória falha em reconstituí-las, porque o passado já não é, portanto narramos re-construindo o que passou. Narramos a partir dos vestígios, imagens que os acontecimentos passados deixaram impressos em nossa alma.

Se a narração do passado fica assim solucionada, como se pode pensar a narração do futuro? Ora, “é graças a uma espera presente que as coisas futuras estão presentes em nós como porvir” (RICOEUR, 1994, p. 27, TOMO I). Temos uma percepção antecipada do futuro, um “sinal”, uma imagem que precede um acontecimento ainda não ocorrido.

Desta forma, Agostinho soluciona a questão do tempo humano, formulando a idéia da presença na alma, de um presente tríplice: o presente do passado é a memória, o presente do presente, a visão, e o presente do futuro, a espera.

Assim, o tempo é medido na alma, pelos movimentos de intenção e distensão: a primeira trata da atividade intencional, que faz o futuro passar para o passado; a segunda é caracterizada pela passividade, pela marca que sofre a alma em decorrência da atividade narrativa realizada, que se dá no contraste entre as tensões da espera, lembrança e atenção. Agostinho exemplifica essa teoria da intenção/distensão com a recitação de cor de um hino:

Eu me preparo para cantar um canto que conheço. Antes de começar, minha expectativa estende-se (*tenditur*) ao conjunto desse canto, mas, quando comecei, à medida que os elementos antecipados de minha expectativa tornam-se passado, minha memória estende-se (*tenditur*) por sua vez em direção a eles; e as forças vivas de minha atividade (*actionis*) são distendidas (*distenditur*) em direção à memória por causa do que eu disse, e em direção à expectativa por causa do que eu vou dizer. Contudo, minha atenção (*attentio*) está aí, presente; e é por ela

que transita (*traicitur*) o que era futuro, para tornar-se passado. Quanto mais essa ação avança (*agitur et agitur*) mais se abrevia a espera e alonga-se a memória, até que seja inteiramente esgotada a espera, quando a ação inteira acabou e passou para a memória (Agostinho 28, 38, 2002, p. 359-360)

Se essa formulação soluciona a aporia do tempo por um lado, por outro, aponta Ricoeur, ela constitui em cada uma de suas etapas um enigma. Por exemplo, como acessar a extensão da marca deixada, se ela está puramente na alma?

A fim de solucionar os enigmas do tempo surgidos na obra de Santo Agostinho, Ricoeur traz então uma análise do texto a *Poética*, de Aristóteles. Cabe aqui uma pausa no acompanhamento que fazemos de seu pensamento para olharmos a questão que nos trouxe até aqui: na leitura de cartas pessoais, o tempo é presentificável, passado e futuro cronológicos - mas, sobretudo o passado, em que acontecem os fatos narrados -, ficam obliterados. Será que podemos pensar no tempo liberto pela utilização da linguagem, que contribui para o apagamento das marcas temporais inscritas no texto epistolar pelo autor, ou mesmo as deixadas pelo transcorrer do próprio tempo?

Voltamos ao *Jardim de caminhos que se bifurcam* para encontrar um descendente de Ts'ui Pên absorto num pensamento que ilustra nosso entendimento construído até aqui, da questão da temporalidade relacionada às produções escrita e leitora de cartas pessoais, por sujeitos da linguagem:

Séculos de séculos e apenas no presente ocorrem os fatos; inumeráveis homens no ar, na terra e no mar, e tudo o que realmente sucede, sucede a mim... (BORGES, 1975, p. 92)

Se estendermos o jardim labiríntico até o mundo cotidiano, não menos labiríntico, iremos vislumbrar a mimese I, que Ricoeur retoma da *Poética*, de Aristóteles, já que nesta etapa a mimese se refere justamente o mundo cotidiano, ainda não explorado pela atividade poética, portanto ainda não narrado, mas impregnado de pré-histórias, ou pré-narrativas de histórias narradas, das quais “o começo permanece escolhido pelo narrador”, que a toma de um pano de fundo feito pela “imbricação viva” de todas as histórias vividas umas nas outras.

O fazer narrativo, a tessitura do texto – configuração – é o estágio da mimese II. Entretanto, aponta o autor, a mimese não cessa na configuração: É pela leitura, no estágio da mimese III – refiguração - que a obra se conclui. Deste modo, destaca

Ricoeur, destrói-se o preconceito que opõe o texto em sua estrutura, e o seu contexto, o “fora” do texto.

A obra escrita é um esboço para a leitura: o texto, com efeito, comporta buracos, lacunas, zonas de indeterminação e até, como o Ulisses de Joyce, desafia a capacidade de o próprio leitor configurar por si mesmo a obra... (RICOEUR, 1994, p. 118, TOMO I)

Entre os estágios da mimese I até a mimese III é possível identificar um caminho, que vai do mundo cotidiano - ainda não narrado -, passando pela configuração da narrativa e chegando, em seguida, ao mundo da vida do leitor. Se esse caminho dá a idéia de um círculo, não se trata de um círculo vicioso, ressalta o autor, mas “de uma espiral sem fim que faz a meditação passar muitas vezes pelo mesmo ponto, mas numa atitude diferente” (RICOEUR, 1994, p. 112, TOMO I).

Assim, se pela linguagem nos chega um entendimento da questão temporal, e por outro lado a temporalidade organiza a narrativa, cabe perguntar como isto se dá na leitura de cartas pessoais.

Ocorre-nos que o “apagamento” do tempo nas leituras de cartas possa estar ligado a idéias trazidas nesses apontamentos teóricos, mas sentimos a necessidade de conhecer também contribuições de outros pensadores sobre as questões da temporalidade. Para tanto, outras leituras sobre essas questões serão trazidas no próximo capítulo.

#### 4. EM QUE TEMPO, AS CARTAS? UM ESBOÇO. UMA REFLEXÃO.

Escrevo-te para daqui a um século, cinco séculos, para daqui a mil anos... É quase certo que esta carta te não chegará às mãos ou que, chegando, a não lerás. Pouco importa. Escrevo pelo prazer de comunicar. Mas se sempre estimei a epistolografia, é porque é ela a forma de comunicação mais directa que suporta uma margem de silêncio; porque ela é a forma mais concreta de diálogo que não anula inteiramente o monólogo. Além disso, seduz-me o halo de aventura que rodeia uma carta: papel de acaso, redigido numa hora intervalar, um vento de acaso o leva pelos caminhos, o perde ou não aí, o atira ao cesto dos papéis e do olvido, ou o guarda entre os sinais da memória. Por sobre tudo, porém, agrada-me falar desde o centro deste Inverno e desta cidade mortal que me cercam. Como um cofre do tempo, irrealizado e absoluto, a cidade ignora a exactidão do presente, conhece apenas o alarme da memória. As casas novas têm todas a mesma idade de séculos. E quando se sai da cidade, a planície prolonga, até a um limite irreal, esta voz de infinitude.

Vergílio Ferreira - Carta ao futuro (fragmento)

Lemos cartas, o tempo trepida. A datação, encimando as folhas, é menos um dado e mais uma doação. Doação de um tempo generoso, que distrai o restritivo Cronos e nos coloca no quando da euforia, “passei no vestibular!”, da amiga que se conta...

O tempo se transverte nas cartas que lemos. Quebra-se o lacre e um decreto de guerra antiga invade nossa já belígera era. Já era tempo de paz...

Cartas, travessas do tempo lido. Falido e reiniciado. Cálido pretérito de todo dia. Aliado do latejar que é vida, postada, recebida...

Essas idéias iniciais do que nos provoca o tempo lido nas cartas se avizinham do que lemos em um dos textos de Pelbart (1993), estudioso das questões da temporalidade. Não que o autor trate da leitura de cartas em sua “nau do tempo rei”, mas ele fala da escrita e pensamento. De como toda criação, seja ela escrita ou pensada, exige um “propiciar de condições para um tempo não controlável, não programável, que possa trazer o acontecimento”.

Pensar possibilidades de criação que a escrita e leitura(s) das cartas pessoais propicia, nos leva a considerar o tempo que parece deslocado e descolado de programação ou ordenamento. Em relação à escrita, essa possibilidade de criação não é constante, não se dá em todas as cartas, mas naquelas em que se adensa uma relação e o eu que escreve se entrega a uma escrita que comporta a inconclusividade, a não-sequência, a rasura, a modificação posterior, a leitura... Na escrita epistolar, a narrativa se faz também pelas descontinuidades, isto é, o que é narrado não obedece ao tempo sucessivo. Começo, meio e fim não são lineares, mas labirínticos, ou rizomáticos. O conceito de rizoma temporal, formulado por Deleuze-Guattari, sintetizado por Pelbart, expressa como se dá o acesso a esse tempo não circular, ou linear, mas enramado:

Num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro; ele é feito de direções móveis, sem início ou fim, mas apenas um meio, por onde ele cresce e transborda... (PELBART, 2007, p. xx)

Esse pensamento do qual nos aproximamos com cuidado, sob o risco de simplificar conceitos de complexa elaboração, retoma algumas das teses de Bergson sobre o tempo. Embora independa do movimento, o tempo se mantém, de forma paradoxal, direcionado pela lei da causalidade. Para Bergson, que reexpôs a concepção temporal de Santo Agostinho, o passado coexiste com o presente que ele foi, conservando-se em si, como passado contínuo, mas não cronológico. Como duração, o tempo, segundo Bergson, constitui-se como novidade absoluta a cada instante, por ser um processo contínuo de criação. Tem-se assim uma trama de tempos, não um círculo, que se reconciliaria consigo mesmo (Pelbart, 2007). E porque não mais se curva ao movimento que antes media e, por decorrência, se liberta da eternidade que servia de modelo a esse mesmo movimento, o tempo

já não é o tempo do Céu nem o da Terra, mas o da cidade, da cotidianidade. No cotidiano assim desenrolado não se medita mais aquilo que paira acima dele (o Eterno), mas a produção do Novo a partir do dia qualquer, do instante qualquer (PELBART, 2007, p. 153).

Este tempo fora dos eixos é o que identificamos numa carta, em que sentimentos e acontecimentos pululam de um tempo a outro, sem que, para o leitor,

se perca o entendimento. Ou, melhor, sem que impossibilite construções de sentidos sobre elas. Arriscamos a dizer vir daí a sensação de contemporaneidade que se pode experimentar na leitura de uma carta, tendo ela sido escrita há um século, ou um ano.

Outro aspecto interessante observável na escrita de uma carta é que os assuntos tratados pelo signatário nem sempre são retomados pelo interlocutor. Às vezes, nem pelo próprio signatário. Caem no esquecimento, ou num aparente esquecimento, são deixados... Para isso contribui certamente o componente temporal entre a escrita da carta e sua recepção e desta com a elaboração da resposta. O que era importante no momento do envio da carta deixa depois de sê-lo, ou é importante apenas para um dos correspondentes, ou podemos mesmo pensar numa recusa em tratar o assunto proposto. De qualquer modo, há aí uma outra descontinuidade que contribui para que a narrativa se faça. Descaminhos...

Essas observações nos remetem ao tempo *intempestivo*, pensado por Nietzsche, que lemos em Pelbart (2003). No tempo intempestivo, o esquecimento seria o fôlego encontrado em meio à ocupação do passado, que nos chegaria como um excesso, nos sufocando. Parte do nosso passado deve então, segundo esse pensamento, morrer. Somente o que suporta ser transformado, re-criado, merece ser retomado. E citamos um poema de Cecília Meireles que, nos parece, se relaciona a esse pensar:

Renova-te.  
Renasce em ti mesmo.  
Multiplica os teus olhos, para verem mais.  
Multiplica os teus braços, para semeares tudo.  
Destrói os olhos que tiverem visto.  
Cria outros, para as visões novas.  
Destrói os braços que tiverem semeado,  
Para se esquecerem de colher.  
Sê sempre o mesmo.  
Sempre outro. Mas sempre alto.  
Sempre longe.  
E dentro de tudo.

Cântico XIII

Ser sempre o mesmo, sempre outro... O poema evoca mais um conceito sobre o tempo, pensado por Nietzsche, retomado por Deleuze - o do eterno retorno - em que desponta uma imagem circular do tempo, diversa do tempo circular da

História, que afirma o tempo como diferença (Pelbart, 2007): Viver repetidamente o já vivido, não o todo já vivido, mas seletivamente, de modo que a vida possa permanentemente repetir-se como variação.

O eterno retorno possibilita pensar no diferente de nós em que vamos nos transformando, sempre. Deste ponto de vista somos sempre estranhos, estrangeiros a quem éramos. Somos outro a cada tempo, sem deixarmos de ser o que nos constitui, um incessante modificar-se tão bem revelado nas palavras de Riobaldo: “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade Maior.”

Diante de afirmação tão contundente, só nos resta prosseguir em direção ao que nos trouxe até aqui: as cartas, num quadro de reflexões teóricas.

## 5. CINCO ESTUDOS COM CARTAS, TEMPO DE REFLEXÕES MÚLTIPLAS

*“... porque o tempo é uma invenção da morte, não o conhece a vida verdadeira, em que basta um momento de poesia, para nos dar a eternidade inteira.”*

*Mário Quintana*

Apresentamos aqui algumas das cartas que passaram a constituir o *corpus* documental deste trabalho, acompanhadas de leituras que delas fiz e de sentidos que construí com elas, ao longo deste período de estudos.

A escolha por estas e não outras cartas que coletamos não foi simples. Todas apresentam aspectos cativantes e se, no conjunto estão vinculadas pela questão da temporalidade, que identifiquei como o elo na heterogeneidade que compõem, tomadas em separado, deixam ver singularidades que despertam para questões não menos relevantes, para reflexões que expõem sujeitos, autores, leitores em recortes que revelam histórias singulares, únicas – quantas outras podem ainda emergir? – despertam para questões da linguagem que ora se apresenta em sua vividez, ora em sua frugalidade, ora ela se verga ao tempo, ora ela o faz dançarino, brincante...

Não foi intencional, mas algo que identifiquei posteriormente, o conjunto aqui enfocado, é perpassado pela questão de eus estrangeiros, estranhos ou diferentes, de deslocamentos de si...

A primeira carta, abordada no item 5.1 “ Carta de um outro tempo”, escrita provavelmente por um poeta, em 1862, na condição de exilado não apenas de seu país, o Brasil, mas também exilado da própria vida... Para além desses deslocamentos, o eu da leitora também se demoveu de uma expectativa prévia...

Depois, abordaremos a história de um imigrante português e a última carta que recebeu de seu irmão, em 1928, vinda de Portugal. História que me permitiu pensar diferenças...

No item seguinte, “Clube da Correspondência”: espaço de auto/biografias”, a correspondência de duas desconhecidas, que vão tecendo uma relação com o tempo, por meio das cartas. Percebemos nessa correspondência um fazer-se, pela

escrita, perante o outro. Espaço para o eu que se inventa, espaço para inventar o outro...

Continuando, no item 5.4 “O transverter do tempo em cartas de Adriana e Alexandra”, encontraremos duas amigas que colocam sua voz ao lado de vozes diferenciadas, fazendo uma composição dialógica que faz de sua correspondência lugar de criação, ou de re-criação com o outro...

Finalmente, o item 5.5, “A palavra vetada: Cartas às margens da Segunda Guerra”, tratará de cartas escritas em alemão, enviadas para a Suíça e interceptadas pelo regime nazista. São documentos em que a não aceitação do diferente, do outro, é destacada. Seu conteúdo é marcadamente leve, contrastando com essa interdição.

Há certamente outros aspectos a serem explorados nessas cartas. Daí a forma resumida desta introdução que, espero, não impeça que elas próprias se apresentem e falem por si...

## 5.1 CARTA DO EXÍLIO...

São Paulo de agosto de 1864  
 Sr. A. Henriques

É incômodo! Não moro! e não moro  
 re. não há! moro! nunca mais  
 - Não moro! - como de a  
 muito Horacio

Tanto quanto de Rio. Bahia. - Por  
 namoros, que não emprestares. e  
 segundo todos elles - elletemos est  
 punitus em casca!

É um problema muito? Não colhe  
 ga o mesmo

Não se tem acesso d'armos,  
 não posto sobre a terra,  
 e não se tem a terra

Trata-se de um problema de  
 simpatia e não de amor! Como fora?

Ou não é que depois de uma confus  
 lo passamos a ser passados de um  
 maior novidade, e aconselhamos um  
 que se faça o estabelecimento hy-  
 gienico e a clarificação da arte-  
 ra boa. No entanto, escreve-



*TRANSCRIÇÃO DO CONTEÚDO DA CARTA ILUSTRADA NAS PÁGINAS ANTERIORES*

Paris 23 de agosto de 1862.

Ant. A. Henrique

É mentira! Não morri! Nem morro, nem hei morrer nunca mais – Non omnis moriar – como dis o mestre Horacio.

Tenho jornaes do Rio, Bahia, e Pernambuco, que me emprestarão, e segundo todos elles – Mortens est puntus em caixão!

E necrológicas então?! Um collega escreveo:

Levo u´um acesso d´amor,

Ao poeta soberano

[...] oceano

Trata-se da minha defunctissima pessoa! Passa fóra!

O caso é que depois do meu infausto passamento, vou passando sem maior novidade. Aconselhão-me que vá para o estabelecimento hydrotherapico de Marienbad. Partirei breve. No entanto, escreve-me, quando não tiveres muita preguiça para qualquer das nossas ligações em Paris ou Bruxelas.

Desejo muito a confecção mais completa que se puder arranjar de notícias fúnebres, necrológicas ou o que se houver publicado acerca da minha morte. Corta o que me disser respeito, escreva à margem o nome do jornal, dia e lugar da publicação, e sobrescripto com tudo isso para a minha falecida pessoa.

Quero faser um album – negro:

Lembrança a todos, de-me notícias suas,

[...] aceita um abraço

G.Dias

*Ele cintilava ausente, aconteceu. Pois. E mais nada.*

João Guimarães Rosa

A carta aqui focalizada, elemento disparador das reflexões acerca da linguagem que serão aqui apresentadas, foi copiada do manuscrito original, localizado no Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”, em Rio Claro - SP.

A princípio, ela nos chamou a atenção pela data em que foi escrita - há cento e quarenta e sete anos -, isto a converteu numa promessa de encontro com um tempo e um mundo de outrora... Mas, se num primeiro instante essa carta lembrara uma janela por onde olharíamos o passado, em seguida ela se afigurou como uma mensagem inacessível, pela ilegibilidade de sua grafia: conseguíamos ler palavras, mas com elas não éramos capazes de elaborar um sentido. Diante do obstáculo, fomos estudando a caligrafia do autor, associando os sinais gráficos que se repetiam, conseguindo ler algumas palavras a partir de outras, decifrando...

A decifração gradativa do texto foi nos retirando do desconhecimento de seu conteúdo, e nos mergulhando, de outro lado, em mistérios vários: alguns ligados à procedência do texto, identidades do autor e destinatário e condições em que foi produzido; outros, advindos de seu conteúdo inusitado, que colocou em segundo plano o tempo cronológico que tanto nos chamara a atenção num primeiro momento, fazendo lembrar, antes, movimentos engendrados por Kairós, irmão de Cronos, ambos filhos de Aion - a eternidade, o grande tempo...

Cronos e Kairós estão em constante conflito. Enquanto Cronos, dançarino, realiza movimentos cíclicos, periódicos, numa coreografia decomponível, analisável, imitável, cujos passos e gestos são modelo de regularidade e repetibilidade do tempo, Kairós é saltador e acrobata: seus movimentos apresentam unicidade e totalidade, desafio e irrepitibilidade, risco, engajamento, aventura... O primeiro cria e governa o mundo, que Kairós aniquila, para recriá-lo à sua vontade... (MOUTSOPOULOS, 1993, apud CÉSAR, 2007, p. 22). Esta alusão ao mito de Kairós se faz presente aqui não apenas porque as diversas leituras da carta foram nos afastando de uma perspectiva cronológica, como também pelas reflexões que possibilitaram, ligadas, nos parece, a um tempo kaírico, como se verá mais adiante.

Sobre o contexto da carta, até o momento, nada foi possível apurar. A funcionária do museu que nos atendeu, responsável pelos documentos do acervo,

trabalha ali há quase trinta anos e nos informou que esse e outros documentos já se encontravam no museu desde que ela começou a trabalhar lá, sem qualquer catalogação. Ela e outros funcionários organizaram um livro de registro desse material, mas não sabe precisar sua origem. Tampouco se encontra no museu o envelope em que a carta foi postada, nem sabemos se foi remetida diretamente para Rio Claro. Como o texto epistolar em questão menciona jornais da época em que foi escrito, é possível que façamos, num próximo momento, pesquisa sobre os (não) acontecimentos que o remetente narra nos referidos jornais e outras fontes de pesquisa.

Assim, sabemos apenas o que nos informa o texto: Do destinatário, provavelmente um amigo (a) do remetente, alguém que tem preguiça de escrever. Do remetente, que se trata de pessoa letrada, num tempo em que isso era privilégio de uma classe mais favorecida, é uma pessoa que tem notoriedade, já que a notícia sobre o seu falecimento saiu em jornais de diversas províncias; aparenta apreciar poesia, já que cita Horácio e é ele mesmo, provavelmente, um escritor de poesia, pois a ele se referem como poeta, como se vê num trecho da carta.

Não temos, portanto, meios para verificar a veracidade do que conta o autor desse texto, mas se ele perde algum valor do ponto de vista historiográfico, persistem as possibilidades para pensarmos questões ligadas à história, na medida em que “o passado, concebido como a soma do que efetivamente aconteceu, está fora do alcance do historiador” (RICOEUR, 1994, p. 141, Tomo I), sendo a sua reconstituição possível somente pela imaginação.

Se pensarmos, por exemplo, na História que nos chega da Grécia Antiga, de onde emergem figuras como as de Hesíodo e Homero, poderemos perceber que o conhecimento dos modos de vida daquele povo tal como nos chega, se deve em grande parte a textos, quase sempre poéticos, tomados como indiciadores da época em que foram elaborados e/ou registrados.

Guardadas as diferenças em relação aos exemplos citados, queremos esclarecer que sabemos do prejuízo para o entendimento de um texto, quando tomado fora de seu contexto, mas que procuraremos contemporizar essa virtual perda com a literariedade do texto focado, que se afigurou como um texto “vivo”, cuja leitura nos remeteu com intensidade para a leitura de outro, ficcional, “A Terceira Margem do Rio”, de João Guimarães Rosa. Falaremos a seguir sobre essa leitura, não sem antes ponderar que a aproximação de um texto ficcional com outro

histórico não é incompatível, se considerarmos que a ficção pode se inspirar na história, tanto quanto a história na ficção... (RICOEUR, 1994, p. 125, Tomo I).

*Aquilo que não havia, acontecia.*

(J. Guimarães Rosa )

Nada do que esperávamos encontrar na leitura da carta aqui enfocada se confirmou. O contexto histórico, o modo de vida do remetente, sua relação com o destinatário, nenhum elemento em que pudéssemos repousar nossa ânsia por tocar o desconhecido, apenas o encontro com o desconhecido mesmo. O estranhamento causado e seu inequívoco desconforto foram nos impulsionando para uma busca de algo que pudesse minimizar o confronto com o inesperado. Talvez, por isso, tenha se delineado em nossa lembrança, em meio às várias leituras que fizemos da carta, a sensação provocada pelo conto de João Guimarães Rosa, “A Terceira Margem do Rio”. Um olhar para o estranhamento comum aos dois textos é o que procuraremos, sem a pretensão de responder às questões que daí possam emergir, mas buscando, nesta aproximação, pontos de confluência com a linguagem e a escrita epistolar. Esta, apesar de aparentemente presa a um protocolo – data, saudação, texto, despedida e assinatura – viabiliza a comunicação de temas os mais variados, formal ou informalmente.

Diante do inexplicável, do diferente, do anormal, a História nos mostra, as sociedades recorrem ao termo louco, doido, para definir o que foge dos padrões e parâmetros estabelecidos. Sabedor da estranheza do que conta em “A Terceira margem do Rio”, o autor do conto alerta para a inocuidade de se classificar o diferente: “Ninguém é doido. Ou, então, todos”. Desta forma, ele nos tira a possibilidade da resolução fácil de rotular e nos acomodar, ou mesmo de resolver o mistério proposto. Daí visualizamos uma possível aproximação com a leitura da carta aqui destacada: como na carta, a “experiência de “A Terceira margem do rio” subverte os limites perceptivos que distinguem o familiar do estranho, o real do alucinatório, o vivo do morto, e o racional do louco”. (GINZBURG, 2000, p. 287).

Assim, a leitura dos dois textos nos deixa em meio a... Surpresas..., Indagações... (Re) Leituras... Invenções? Tal como o pai, no conto “Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa...” ficamos nós, leitores, imersos nesta terceira margem, de onde

antevemos, nos dois textos, uma presença ausente. A presença de alguém que foi para além. Da morte? Da vida entre os seus? Do cotidiano? O pai, no conto, e o poeta, na carta, não mais partilham o tempo ordenado; o primeiro se cala para sempre e passa a viver na memória de seu filho, que narra a estória. Deixa de existir pela linguagem falada... Embora visível, ele emudece, “sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala”. O autor da carta fala de si, reafirma sua existência, mas também o faz na inacessibilidade de ser visto ou tocado.

Talvez possamos falar, nos referindo aos dois textos, de um desaparecimento do sujeito para o social que, no entanto, constrói singularidades por meio de uma presença silenciosa, ou da ausência que se comunica: de qualquer modo, pela transgressão, que atinge o outro pelo interdito, pelo que não é, pelo jogo luz/sombra, palavra/silêncio, ilusão/realidade. Em outras palavras, tanto a personagem do conto, como o autor da carta, fazem por meio das palavras, ou pela ausência delas, uma partilha de suas experiências, caso contrário, não se deixariam localizar, partiriam para o “não encontrável”.

Deixemos por um instante o conto para olharmos para a carta e a possibilidade que esta traz na concretização de um eu ausente que se faz presente por meio dela, já que “o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar” (Sêneca apud FOUCAULT, 1983). Há fortemente no texto epistolar que enfocamos, a materialização desse eu que escreve, já que essa carta noticia justamente o fato de seu autor estar vivo. Pela correspondência, o remetente se torna re-vivificado para o destinatário, não apenas porque nela ele desmente sua morte, mas também porque

A carta enquanto objeto pragmático que vale, aos olhos do receptor, como representante metonímico do expedidor, realiza bem, antes mesmo de ser lida (ou melhor, antes de ser simplesmente aberta), uma quase colocação em presença “real” dos parceiros da comunicação. (LANDOWSKI, 2002, p. 176)

Por sua materialidade e pelo discurso que porta, essa carta se configura como um acontecimento da linguagem, em que a experiência do autor é compartilhada com o destinatário, já que:

O acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e

partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte. (RICOEUR, 1994, p.119, Tomo I)

Há ainda em ambos os textos a força da imprensa, da palavra escrita e tornada pública. Na carta, o autor fala dos jornais que lhe emprestaram e que tratavam de sua pretensa morte. Além disso, ele solicita ao destinatário que recorte e lhe envie tudo o que houver sido publicado a seu respeito, para que ele possa fazer um álbum. No conto, há referência clara a um assédio da imprensa e sua tentativa, frustrada, de fotografar o pai. Essa presença da palavra publicada nos permite lembrar a variedade e quantidade de impressos e mais recentemente, de *sites*, que veiculam idéias, sentimentos, posicionamentos em todo o mundo. Somos atravessados por uma vasta gama de textos todo o tempo, não apenas escritos, mas também imagéticos e falados. Nossa própria linguagem é prenhe das interações - conflituosas ou não - que temos com esses textos. No conto e na carta, a personagem e o remetente estão ocultos. O pai se esconde e, de alguma forma, o autor da carta, também. Poderíamos dizer daí que a vida escapa às tentativas de enquadrá-la, esquadrihá-la, ou mesmo retratá-la?

Manter-se assim em suspenso - deixando-se ficar numa canoa, no meio do rio, ou viajando pelo “estrangeiro” – é uma possibilidade para fundar outra margem, subverter o tempo, inaugurar instâncias de existência diversas das previsíveis... É sobre a questão da temporalidade que trataremos a seguir.

*A vida era só o demoramento.*

(J. Guimarães Rosa)

Existimos no tempo, esta é a tônica da carta que destacamos, assunto abordado do começo ao fim do texto pelo remetente. Sua declaração de repúdio à morte - que ele parece sentir prazer em ludibriar - se dá de forma enfática e conta com as palavras de Horácio, citado em latim, para legitimá-la, “Non omnis moriar<sup>5</sup>: Não morrerei inteiramente, meus feitos permanecerão”. Isto expressa não apenas a preocupação do autor com a finitude da vida, mas a necessidade que o ser humano em geral sempre teve e tem de vencer a morte, de se perpetuar, de viver

---

<sup>5</sup> A tradução da expressão latina foi encontrada no site: <http://www.gontijo-fam> – acesso em outubro/2007

eternamente. De algum modo, a garantia da eternidade, que não se dissocia, por contraste, da temporalidade. O tempo da vida em oposição ao infinito...

Percebemos a vida, seres temporais que somos, como uma consecução de acontecimentos que passam: nossas brincadeiras de infância, nossa vida escolar, nossos relacionamentos pessoais são algumas das coisas que nos ocorrem, que vão compondo nossa história e nos constituindo como sujeitos únicos, que nos dão a conhecer a nós mesmos, isto é, que nos permitem ter uma consciência de quem somos. Nossa autoconsciência é, então, no presente, o resultado de recordações do que já vivemos de forma significativa. Não lembramos de todo o nosso passado, mas do que, ao passar, nos tocou, nos afetou. O tempo não é externo a nós, mas, segundo as idéias de Santo Agostinho, retomadas por Paul Ricoeur (1994), é medido na alma: são as impressões deixadas na alma pelas coisas que passam, que medimos. Neste sentido só o presente existe, pois o passado já não é e o futuro ainda não é.

Assim resumido, o pensamento de Agostinho oculta uma articulação com a linguagem que se torna mais definida na medida em que nos aproximamos da narrativa: recordamos e contamos aos outros e a nós mesmos o que nos passa, falamos sobre experiências significativas que temos no tempo, e para isto utilizamos estratégias de ficção:

Recordar es algo que nosotros hacemos y para lo que necesitamos la oportunidad, el concurso de la imaginacion y la habilidad de la composicion. Por eso, la recolección tiene la forma de una narración desde un punto pasado hasta el presente en función de um punto de vista que la hace significativa. (LARROSA, 1996, p. 466)

Para dizer quem somos recorremos então à linguagem, ordenamos acontecimentos vividos, narramos:

El tiempo de nuestras vidas es, entonces, tiempo narrado; es el tiempo articulado en una historia; es la historia de nosotros mismos tal como somos capaces de imaginarla, de interpretarla, de contarla y de contar(nos)la. (LARROSA, 1996, p. 467)

Mas não apenas o passado é inserido neste modo narrativo de viver o tempo, como o futuro também o é, na medida em que é antecipado pelas imagens, pelos

vestígios deixados em nossa memória que se oferecem como causas e decifradores do que está por vir.

Graças a uma espera presente que as coisas futuras estão presentes em nós como porvir. A espera é análoga à memória. Consiste numa imagem que já existe no sentido de que precede o evento que ainda não é; mas essa imagem não é uma impressão deixada pelas coisas passadas, mas um “sinal” e uma “causa” das coisas futuras que assim são antecipadas, pré-percebidas, anunciadas, preditas, proclamadas antecipadamente. (RICOEUR, 1994, p. 27, TOMO I)

Ricoeur segue as inquietações de Agostinho com relação ao tempo e à eternidade e conclui com este que as imagens, vestígios impressos, na alma, caracterizam um tempo presente tríplice, que não tem extensão, sendo a memória o presente do passado, o presente do presente, a visão e o presente do futuro, a espera. É na alma, segundo Agostinho, que se mede o tempo, pelos movimentos de intenção e distensão: a primeira trata da atividade intencional, que faz o futuro passar para o passado; a segunda, em contrapartida, se caracteriza pela passividade, pela marca que sofre a alma em decorrência da atividade narrativa realizada, que se dá no contraste entre as tensões da espera, lembrança e atenção. (RICOEUR, 1994, p. 40, TOMO I).

Se comparada ao presente eterno de Deus, o tríplice presente - a distensão da alma - se apresenta falha, mas por outro lado, torna-se como que uma imagem do presente eterno de Deus em nós (GAGNEBIN, 1997, p. 78).

As reflexões precedentes tiveram aqui o objetivo de deixar ver o entrelaçamento entre tempo e linguagem, a partir do conteúdo disparador da carta que enfocamos. Não pretendemos com isso, obviamente, solucionar os binômios - morte/vida, finitude/eternidade, palavra/silêncio -, mas trazer a idéia de que pela linguagem narrativa expressamos temporalidades que subvertem a linearidade cronológica e possibilitam a criação de sentidos outros:

O fazer narrativo re-significa o mundo na sua dimensão temporal, na medida em que contar, recitar, é refazer a ação segundo o convite do poema [...] (RICOEUR, 1996, p. 124, Tomo I)

Consideramos então a linguagem não como reveladora de um sentido, mas, antes, como aquela que sugere, insinua; que não ancora sentidos em margens aparentes, mas permite conhecer uma terceira margem... A carta focalizada, figura

de escrita que traz marcas inequívocas do tempo cronológico - sua cor amarelada, a caligrafia desuniforme deixada pela caneta tinteiro, os rasgos reparados com fita adesiva -, nos possibilita, entretanto, perceber um tempo kairico, em que “a temporalidade e o pensamento se encontram, onde o tempo objetivo do mundo encontra a subjetividade do homem” (CÉSAR, 2007, p. 20).

## **5.2 CARTA A UM IMIGRANTE**

Muito do que nos chega da História de Portugal, por meio da escola, está ligado às travessias oceânicas que, num momento histórico preciso, propiciaram o encontro com outras terras e outras gentes e deram início ao registro de outras Histórias, como a do Brasil, constituída, como é próprio de toda a História, por inúmeras outras pequenas histórias, a maioria delas mantidas anônimas, mergulhadas no oceano do desconhecido.

Aqui enfocaremos histórias de travessias, realizadas por um imigrante português no início do século passado - que chegou sozinho ao Brasil - e por uma carta que este recebeu de seu irmão, que ficara em Portugal, cerca de uma década depois de sua migração.

Essa carta atravessou também as fronteiras do tempo cronológico e do espaço, chegando-nos por meio da neta desse imigrante, que nos colocou em contato com sua mãe, filha do imigrante, a quem entrevistamos num momento posterior, para sabermos mais sobre a sua história e conseguirmos traçar o contexto histórico em que a carta foi escrita e recebida.

Assim, este texto trará o que soubemos do desenrolar da vida do senhor Celestino no Brasil, tal como foi narrada em detalhes pela senhora Adelina, sua filha, e de forma mais breve o que ela se lembra do que ele lhe contara sobre o período prévio, vivido em Portugal. Essa narrativa foi colhida em uma entrevista semi-estruturada, uma das técnicas História Oral, gravada e depois transcrita, possibilitando à entrevistada maior liberdade para relatar a história de sua família. Buscaremos delinear a inserção desse relato no contexto sócio-econômico brasileiro da época.

## **CARTAS E OUTRAS PRÁTICAS CULTURAIS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Como já vimos nos apontamentos teóricos deste texto, as cartas tocam o outro, porque possibilitam encontros vários - entre o autor consigo mesmo e com o destinatário e, deste consigo e com o outro que lhe escreve - além da possibilidade de incluir outros alheios à relação que mediatiza - e se constituem como objetos nos quais estão imbricadas práticas sociais (CAMARGO, 2000, p. 47), e seu estudo, aponta Chartier (1990), contribui para a compreensão de como “uma realidade é

construída, pensada e dada a ler”, viabilizando mesmo o conhecimento de uma determinada sociedade, em uma época, pelo que narram indivíduos singulares em suas trocas de correspondência.

Na historiografia da Educação, particularmente, as cartas podem introduzir pontos de vista plurais sobre um determinado tema, abordados na escrita de professores, alunos, pais de alunos, políticos, entre outros. Fontes auto/biográficas que são, as cartas, aponta Nóvoa (1993), juntamente com as tradições orais, publicações periódicas, relatos de vida escolar, iconografia, materiais didáticos e cadernos escolares podem se constituir em novos materiais de investigação da História da Educação.

Esse olhar para objetos de estudo antes desconsiderados traz, a possibilidade de se introduzir progressivamente na comunidade científica, novos hábitos de investigação, conducentes à valorização de abordagens e de objetos de estudo que tinham permanecido até agora numa relativa obscuridade, ao mesmo tempo em que cria referências identitárias no campo da História da Educação, colaborando para que ganhe especificidade, deixando de ser considerada um subproduto da História Geral.

A fim de contextualizar a carta que aqui focalizamos, contaremos a seguir a trajetória de vida de seu destinatário, o imigrante, saído de Portugal, conforme narrada por sua filha, que também é a guardiã da carta apresentada.

### UM IMIGRANTE E SUA HISTÓRIA NO BRASIL



Ao olharmos para o envelope em que está inscrito o nome do destinatário e a sua ocupação, podemos ser levados a pensar que se tratava de pessoa de posses, uma vez que estudar, na época em que essa carta foi escrita e enviada (1928), era privilégio das classes mais favorecidas. A ocupação de guarda-livros, contabilista na nomenclatura atual, era uma ocupação de confiança e, por isso, de certo prestígio, já que o guarda-livros se ocupava da vida financeira do estabelecimento em que trabalhava, sendo o responsável pelas finanças e o registro correto de toda documentação pertinente a ela.

A história do senhor Celestino, no entanto, começa bem antes de ele ser empregado na Santa Casa de Misericórdia de Rio Claro, e também, bem distante daqui...

[...]

É meio dramático como o meu pai veio parar no Brasil. Ele tinha muita, muita afeição com a mãe dele, demais, era muito agarrado com a mãe dele, ele tava com seus 16 anos, mais ou menos, a mãe ficou muito, muito, muito doente. Quando ela ficou desenganada... E há muito tempo já ele queria aventurar, com 16 anos ele falava para o pai dele que queria se aventurar pro Brasil:

- Quero pro aventurar no Brasil. Eu quero aventurar pro Brasil.

E o pai dele falava:

- Mas, como? A gente não tem condição, não tem posse, não tenho nada!

Eles eram gente muito simples.

[...]

Adelina J.S.D – 2007

A história contada com tanta vividez por Dona Adelina nos remete à cidade de Chaves, segunda metade da década de 1910, entre os anos de 1916 e 1917. A Europa estava imersa na Primeira Guerra Mundial, da qual Portugal participaria de forma efetiva, com conseqüente perda de muitas vidas e provocação de grave crise econômica. Natural que o Brasil parecesse, aos olhos de muitos europeus em geral, e portugueses, em particular, como a promessa de um afastamento da crise, uma vez que o envolvimento brasileiro no conflito se daria de forma bem mais reduzida, sem o envio de tropas. Além disso, se iniciava nesse período e se estenderia até a década de 1920 o incentivo às indústrias, que estavam então livres da concorrência de produtos importados (FAUSTO, 2001, p. 88).

A família de Celestino, pai de D. Adelina, subsistia da fabricação e venda de rebuçados<sup>6</sup>, num pequeno negócio mantido na própria casa, onde viviam o pai, a mãe, que se encontrava doente, e três filhos. Celestino era o filho do meio, que tinha “cabeça aventureira”, como diz D. Adelina, que segue contando:

[...]

E meu pai queria muito ser músico, tudo, mas acabou não dando certo e meu pai saiu de lá apenas com... Aquele tempo era do primeiro ao quarto ano primário...

[...]

Ele tinha que sair, ele não tava mais agüentando o sofrimento da mãe dele. Então, um dia ele criou coragem, ele pôs as poucas coisas que ele tinha numa maletinha lá e falou pro pai:

- Eu vou indo.

O pai deu um pouquinho de algum dinheirinho que tinha lá. E daí ele já tinha arrumado o passaporte, naquele tempo tinha o... como é que dizia , lá...os estrangeiros que vinham da Itália, os imigrantes; vinham no navio como imigrantes. Então ele arrumou tudo isso para vir como imigrante e chegou pro pai e falou:

- Pai, tá tudo pronto, eu vou. Eu vou embora.

Adelina J.S.D – 2007

Assim, o jovem veio para o Brasil, integrando uma estatística de 132.682 portugueses que aqui chegaram na década de 1910, de acordo com Petrone (1977), que trata da imigração no período republicano brasileiro. Como tantos outros imigrantes, Celestino vinha portando poucos pertences, seu único documento - o passaporte -, e alguns anos de escolaridade que, se lhe tiravam da condição de analfabeto, por outro lado não lhe conferiam o direito de conseguir empregos com ganhos maiores, ainda que tivesse, segundo sua filha, “uma sabedoria fora do sério”. Sua chegada ao Brasil, apesar da expectativa de melhora de vida, não foi, no entanto, isenta de dissabores: teve sua mala roubada logo que chegou à hospedaria que abrigava os imigrantes, no Rio de Janeiro. Na mala roubada estava seu dinheiro, seu passaporte e a foto de sua família.

---

<sup>6</sup> Rebuçados: pequena guloseima feita de calda de açúcar endurecida, à qual se acrescentam corantes e/ou ingredientes ou essências de vários sabores, e que se vende embrulhada em papel. Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa 2.0

[...]

Aí ele se viu desesperado, foi lá, falou com quem tomava conta da hospedaria, ele falou:

- Não podemos fazer nada.

Ele falou:

- E agora? Eu não tenho um tostão, o que eu tinha tava naquela mala lá.

Aí ele conta que aquele dia ele ficou lá normalmente, ficou, deram comida, deram tudo, aí teve uma daquelas pessoas que trabalhavam lá, muito bondosa, que se inteirou do caso dele e conseguiu o primeiro emprego dele, que era ali no porto mesmo, pra vender, uma loja ali, uma venda, aí, pra ganhar um dinheirinho pra poder continuar na hospedaria lá, pra dar pelo menos um dinheirinho pra hospedaria.

[...]

Aí ele foi ver – ele, muito aventureiro – naquele tempo no Rio de Janeiro saíam uns trens, aqueles trens que levavam as coisas lá pra baixo do Mato Grosso, pra Cuiabá, trem de carga e ele se enfiou no trem de carga e ele foi andando com o trem de carga e ele foi parar em Cuiabá.

[...]

Adelina J.S.D – 2007

O Rio de Janeiro, à época, Distrito Federal, atraía imigrantes e migrantes para trabalhar na produção industrial, que concentrava, então, as fábricas mais importantes do país, por diversos fatores, entre eles o uso da energia a vapor, que contava com a importação de carvão, que ali chegava e não despendia um transporte adicional, como acontecia com outras cidades do interior ou com São Paulo, que suplantaria o Rio de Janeiro num momento posterior, não tão preciso, no período entre 1920 e 1938. A indústria brasileira carecia de mão-de-obra especializada, mas operários com pouca qualificação eram facilmente encontrados. Os imigrantes ocupavam as duas pontas da indústria, como operários, mas também como donos de empresas (FAUSTO, 2001, p. 286-287)

Celestino não se empregou como operário no Rio de Janeiro, trabalhava como vendedor, atividade que continuou exercendo no Mato Grosso, onde foi trabalhar num armazém e algum tempo depois em fazendas, mas não como agricultor, ajudava na administração. Numa delas, o dono lhe ofereceu casamento com sua filha, o que despertou sua desconfiança: Por que um homem rico iria querer que sua bela filha se casasse com um imigrante pobre?

[...]

Uma noite ele pegou as poucas coisas que ele tinha e fugiu a pé mesmo até achar uma carona para ele se mandar, daí que ele veio vindo, veio vindo, e depois de anos e anos, foi parando em tudo quanto é canto, aí que ele veio parar aqui em Rio Claro.

[...]

Foi trabalhar numa fazenda. Aí, nessa fazenda, o dono lá ficou gostando muito dele e falou:

-Você tem muita sabedoria, você precisa fazer alguma coisa, precisa estudar.

Ele falou:

- Mas que jeito, eu só tenho quarto ano de grupo.

Aquele tempo a gente falava quarto ano de grupo, né? Ele escrevia muito bem, aí o patrão começou a testar ele lá, em coisas, a ajudar na administração lá. O patrão falou:

-Escuta, tem uma coisa, por aqui não tem escola, não tem nada, mas eu sei de uma escola por correspondência.

Aquele tempo falava guarda livro, era guarda livro, não era contador, mas era a mesma coisa, era guarda livro.

- Então, aqui tem uma, amanhã eu vou levar você lá na cidade, você vai se matricular lá e uma vez por semana você vai lá, pega todo o material, papapi, papapá.

Essa pessoa que ajudou ele fazer o curso de...de... por correspondência e depois chegou um dia que ele recebeu o diploma.

[...]

Adelina J.S.D – 2007

Em que pese o incipiente desenvolvimento industrial no Rio de Janeiro e em São Paulo, neste prevalecia a demanda de mão-de-obra para a lavoura cafeeira. Segundo Petrone, desde o fim do império e a abolição da escravatura, houve o desenvolvimento de políticas para atrair imigrantes, como a subvenção da viagem do imigrante por parte do governo do Estado de São Paulo, que perduraria, com poucas interrupções, até 1927, sendo que a União deixara de subvencionar essas viagens por quase uma década e quando voltou a fazê-lo, priorizava ajudar os Estados que não tinham condições para tanto, mas necessitavam colonizar áreas escassamente povoadas.

Ainda de acordo com a autora, havia entre os europeus emigrados o sonho da propriedade de terra, que encontrava forte oposição por parte dos fazendeiros, que não admitiam outra demanda para a mão-de-obra aqui chegada, que não os seus latifúndios de café. Em decorrência disso, se operacionalizava uma notável mobilidade dos trabalhadores imigrantes, que buscavam condições melhores para fazer sua cultura de subsistência. Procuravam terras boas e cafezais novos com esse fim.

A pressão exercida pelos imigrantes para obtenção de terras, aliada à crises econômicas e o próprio esgotamento do solo, levaram ao gradual abandono das antigas fazendas de café, que foram sendo retalhadas, principalmente nos arredores das cidades, onde imigrantes mantinham culturas de subsistência que em geral não

podiam ser cultivadas nas grandes fazendas e que atendiam à demanda do mercado consumidor surgido com a urbanização do Estado.

É nesse quadro que vamos encontrar o imigrante Celestino, que deixa o trabalho como auxiliar na administração em fazendas e vem trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Rio Claro:

[...]

E recebeu o diploma dele, ficou feliz da vida ele queria muito a subir um pouco, né? O que que ele fez? Ele ficou sabendo lá naquela fazenda lá, que na Santa Casa tava precisando de um guarda livro. Lá foi meu pai lá e as freiras ficaram com meu pai lá, meu pai lá tinha um quartinho no porão, lá embaixo, quem conhece a Santa Casa sabe que tem aquele porão lá embaixo. E meu pai contava: aí era minha casa, o porão lá, lá ele comia, tudo, e as freiras, era pouca gente.

[...]

Adelina J.S.D – 2007

Celestino segue uma tendência dos imigrantes portugueses no Brasil, de não se fixarem no campo, tendo a urbanização como característica marcante. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a população era composta por 11% de portugueses, no ano de 1920 (FAUSTO, 2001, p.280).

O diploma, recebido com alegria, possibilitava uma pequena ascensão social. Como se sabe, o acesso à educação nessa época não era universal, apesar de o país estar vivendo um momento de "otimismo pedagógico", referido por Nagle (1977) em seu estudo sobre a Educação na Primeira República, como sendo o terceiro momento significativo na História da Educação Brasileira, desde o fim do Império. Segundo o autor, a República se instalara num clima de fervor ideológico, herdado do Império, que não resultou, contudo, em um programa educacional amplo, com base nas premissas ideológicas, mas em ações pontuais, como a reforma Benjamin Constant, a nível federal e outra no estado de São Paulo. A partir de 1915 se verificaria um período de "entusiasmo pela educação", impulsionada por uma visão romântica, em que o processo educacional era superestimado, e a difusão da escola, considerada importante.

Então, em 1920, é criada a primeira universidade oficial brasileira, no Rio de Janeiro, e o otimismo pedagógico que priorizava não a difusão da escola unicamente, mas a difusão de uma escola que reproduzisse um novo modelo. Esse otimismo se tornaria então mais completo em 1927, quando surge a Escola Nova, afirma Nagle.

As escolas técnico-profissionais, por sua vez, tinham um caráter mais assistencialista, destinada aos adolescentes que tivessem entre 10 e 13 anos, pobres, que tinham aí a possibilidade de complementar o ensino primário de quatro anos.

As escolas técnico-comerciais particulares estavam, até 1926, livres de uma normatização oficial sistemática, que até então apenas dispunham sobre as escolas já existentes, de acordo com Nagle. Naquele ano, contudo, "o Governo Federal propõe as primeiras medidas de caráter uniformizador e fiscalizador para a escola técnico-comercial". Não temos dados dos anos precedentes, mas em 1929, havia 281 escolas comerciais, com matrícula de 23.477 alunos, número superior ao da escola artístico-industrial e (151 escolas, 21.052 alunos) e muito maior do que as escolas agrícolas, com 2.530 alunos matriculados.

[...]

Então, aí ele lá, era só ele pra fazer toda a escrituração, de toda aquela Santa Casa que não era, lógico, como é hoje, né? Não era como é hoje. Então, ele além de ser o, ele era o recepcionista, ele era tudo ali. Tinha uma coisa, um móvel na entrada, eu ainda cheguei a conhecer quando era naquele tempo. Ali que ele ficava o dia inteirinho, ali ele fazia todo o trabalho dele e atendia a turma que queria informação. E foi nessa daí que ele conheceu minha mãe.

Adelina J.S.D – 2007

Era também na Santa Casa que ele recebia a correspondência de seu irmão, Antônio, com quem perderia contato numa próxima mudança de emprego, que o levou, e à sua família, para a cidade de Araras. Nunca soube se o irmão veio de fato para o Brasil, ou o que pode ter acontecido com ele e o restante da família, que permanecera em Portugal.

Desse modo, apresentamos uma carta que, mais do que um documento, é um elo de afeto que atravessou a separação de pessoas que jamais se reencontraram, que permanece no tempo...

## ANOS 20 EM PORTUGAL: BREVE RESGATE HISTÓRICO

Chaves: - 20-8-928-  
1  
Quando iramais telegraphos  
Recbi a tua carta, com bastante  
alegria, por saber que agora te encon-  
trou de perfeita saúde, pois eu e os  
meus, estamos bem graças a Deus.  
Com bastante prazer, bi que tens esta  
do algumas vezes gravemente doente,  
mas com todo o teu esforço, e em trabalho,  
comegaste viras te de todos os males,  
e que tens tanto muito dinheiro, mas  
froucia, ao menos saúde, e o que se  
estima neste mundo, telegraphos, como no  
sua carta, te mandava perguntar  
se em ahi poderia arranjar alguma coisa,  
pois como te disse, isto por ajeitar a mi-  
to mal, pois não gando o suficiente

para as muitas despesas, e como tu  
não me tiveste nada a esse respeito,  
pedia o favor de me mandares dizer  
alguma coisa, sobre este assunto, logo  
que posso responder, pois como já te  
dime, tenho tres filhos, e mais velhos  
e eu entro este em parca e licca, pois  
não posso mandar aprender musica  
arte, porque o estudo d'elle fisico, mas  
o promite, pois como já te mandei  
dizer ha anos, de uma vista, esta cego,  
e também é bastante fraco, mas como  
é bastante inteligente, queria ver, se  
fugia, com que elle estudasse alguma  
coisa, para lhe arranjar, algum emprego  
q. d. mais tarde, mas segue-me muita

... dificuldade, que não posso apreen-  
der como os deuses, os deuses, apagar de  
ter uma pequena oposta. So vai para  
que elle não pode mais, talvez elle  
veja na necessidade de desentender de  
entender; mas aprehendo para o teu  
haver coração, não te que não te  
empregar de apagar (como posso) e ter  
querido sobrinho, pois como tu e eu  
nos, não tentamos de entender este  
meu, redito. É pois com bastante  
tristez e a chorar que te faço, este  
pedido para o meu filho, e teu so-  
brinho, espero me dirias, alguma coisa,  
na, pois ainda agora para o meu  
trabalho, tive que vender alguma coisa

que tinha, para assim poder dar est-  
trava me licen. Não cabendo, com que  
sacrificas, te faço este pedido, mas a de-  
vidos, como ja disse, ao meu modo de  
vida, não ir mais, e parto com elle,  
poro mais ou menos dependentes e em-  
quanto eu não tenho os meus, não é  
muito, mas para mim, é de mais, por  
que não o gando, entore aqui com um  
tasso, já poder ver, o que isto pode ser,  
parando muito, para não deixar passar  
muito, os meus queridos filhos, não te este  
não para meus, mas para mim, e  
mas sim, esta pequena importância,  
se o que tu entenderes, para o teu sobrin-  
ho, para os meus, todos, os meus,

que é o que me dá muita dificuldade maior,  
para ser se assim consigo, a qual esta  
fica o quinto ano, para depois, como  
ser abrigar, com bojar, publico; presorte não  
te esquecer, se mandares alguma receita  
ta sobre este assunto, para eu governar  
a minha vida. Celestino, diges-me que  
tem, remédios da tua "Furva", sim com  
cordo, mas a tua, que isto aqui esta  
tanto meditando, se é protegido, quem é de  
falta, ou na terra, tiverão que nos daje  
para se governarem, pois a terra é  
madrasta para os filhos, e boa mãe pa-  
ra os de fora, rapazes do novo tempo  
nem um, por aqui. Celestino, com respeito  
te, a eu ir para a abri, presorte me digas

alguma coisa, se posso contar contigo  
ah, pois para a passagem, ou acompanhava  
vendendo algumas coisas de casa, pois  
estou sem de viver nesta miséria, trabalho  
e não tenho nada, qualquer dia, mande  
te a fotografia da minha familia. Celesti-  
no, antes de receber esta ultima carta, ja  
tinha recebido outra, com as tua fotografias  
que muito te agradeço, e que fiquei, bastante  
te abrigar por beijar o meu querido irmão,  
também mandando lembranças do pai, mil  
beijos por seus queridos filhos e sobrinhos, sa-  
ludos da tua coitada, e de te lembramos  
muito beijos e abraços.  
Teu irmão  
Antonio, Maria da Silva, Jumento  
Rua do Sol, 14  
Lavras

A carta recebida por Celestino foi escrita em 1928, por seu irmão mais velho Antônio, que ainda vivia em Portugal, na cidade de Chaves.

Antônio era o único que se correspondia com o Celestino, informando sobre a família que ficara em Portugal e pedindo notícias do irmão, que viera se aventurar numa terra desconhecida. Mas, nessa carta de julho de 1928, Antônio não somente escreve informando da família, escreve também para contar as dificuldades enfrentadas e para pedir ajuda.

Para entender o que acontecia em Portugal na década de 20, encontramos na leitura de Mattoso (1993), informação que desde meados do século XIX, Portugal observava um crescimento populacional progressivo, interrompido nos anos de 1910 e 1920 devido ao número elevado de emigrantes, epidemias e da I Guerra Mundial. Depois de 1920, a população voltou a crescer, só que num ritmo mais acelerado, tendo aumentado 1,7 milhões de pessoas entre os anos de 1920 e 1940. Esse aumento populacional foi devido às melhoras na condição de vida, como diminuição da mortalidade e da natalidade, melhores condições higiênico-sanitárias e uma diminuição emigratória, causada em grande parte pela Depressão, de 1929. Entre outros, esses fatores contribuíram para o significativo aumento populacional de Portugal. Nesse período, Portugal era considerado um país pobre e atrasado em comparação aos outros países europeus.

No período de 1921 a 1930, o Brasil era o destino de 66,9% da população portuguesa que emigrava e, entre 1920 e 1930 Portugal exportava 30.000 pessoas por ano para trabalhar em diferentes países, e essas pessoas que emigravam em busca de trabalho eram excedentes de mão-de-obra que o país não necessitava absorver internamente. Depois de 1930, o número de emigrantes começou a diminuir; em 1931 saíram do país 6033 pessoas, entre os anos de 1931 a 1935 a média anual de emigrantes não passou de 7500. Para Mattoso (1994, p. 140) "as dificuldades econômicas nos países de destino faziam estancar a corrente emigratória", e sendo assim, o excedente de trabalhadores permanecia no país de origem, o que causava também o aumento da população.

Na carta escrita por Antônio confirmam-se as dificuldades enfrentadas pela população portuguesa nesse período, a década de 20 foi desde o início uma década de crise.

Antônio, na carta que escreve ao irmão, pede ajuda financeira, pois a sua renda não supre as despesas de sua família e relata dificuldade em

encontrar trabalho no país naquele momento, chegando a dizer que a "terra é madrasta para os filhos".

De algum modo, a pátria também já não é para Antonio lugar de hospitalidade, houve também para ele um deslocamento:

Mesmo aquele que nunca saiu do seu lugar, que está enraizado por gerações, mesmo esse, no contraponto com o migrante recente ou antigo, sente-se desafiado pela viagem do outro. Esse é um estado de espírito que perpassa a percepção e a atividade, o modo de ser e a subjetividade de uns e de outros. Aquele que vai e aquele que fica, o que chegou e o que estava, todos sentem-se em viagem, real ou imaginária, literal ou metafórica, presente ou pretérita; vagando no futuro (IANNI, 2004, p. 164).

Esse movimento, de quem parte, mas também daquele que fica, traz um entrelaçamento de culturas, por meio de conflitos, reflexões, mas sem dúvida, de pluralismo e renovação.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

O contato com a carta de Celestino, um material tão pessoal e íntimo, relacionada com uma história de vida pessoal e única, nos possibilitou um olhar para a História mais ampla, de dois países, Brasil e Portugal. Essa carta, de apenas seis folhas, escrita em um momento de vida sofrido, guardada com muito cuidado por uma mulher que luta para que essa história resista ao tempo, trouxe para este estudo a História de um período que parecia distante, aproximado pela leitura da carta.

Olhar para a carta recebida por Celestino, correspondência de uma pessoa comum e a partir dela estudar o coletivo: o individual para pensar/ refletir o contexto geral é uma possibilidade dos Estudos Culturais.

Mudar de lugar, migrar, é ir embora, mas é também deixar atrás de si uma história, pessoas amadas, um modo de vida. É tornar-se estrangeiro - o estranho - a princípio no novo lugar, depois estranho ao próprio lugar de origem... Muitos europeus e asiáticos se sujeitaram a viver sua história na condição de estranhos, de "diferentes", em terras brasileiras, desde o fim do império até o final da década de 1920, quando o então ditador Getúlio Vargas decreta a limitação à imigração, atribuindo aos estrangeiros o desemprego no país (PETRONE, 1977, p. 97), isto é, a visão de que o estrangeiro, o diferente, o exótico, é o causador dos problemas sócio-

econômicos, atribuindo-lhe a usurpação de bens e direitos que não são seus e até a corrupção de valores morais. Esta visão invalida ou faz perder de vista a contribuição que o migrante traz para um repensar da cultura local, para acrescentar, e transformar, já que ele, ao defrontar-se com o novo, inventa, senão descobre, maneiras outras de pensar, sentir e existir, que lhe possibilitam uma abertura maior na focalização das múltiplas e emaranhadas realidades da sociedade que adota e também da sua originária, deixada para trás.

Algumas décadas se passaram e o movimento migratório se inverteu: descendentes de europeus e asiáticos têm voltado para os países de seus ancestrais em busca de melhores condições de vida. Deles herdaram características físicas, por vezes a língua, mas ainda assim, quando fazem a travessia de volta, são considerados, em sua grande maioria, por sua cultura, condição econômica e/ou educação, estrangeiros. Assim,

na sociedade mundial, como na sociedade nacional, o migrante continua a ser tangido por situações e acontecimentos, como que fustigado pelos ventos. Pode ser apenas um, solitário, retirante, perseguido, ambicioso, viandante; mas podem ser muitos, milhares, milhões, afetados por desastres ecológicos e epidemias, guerras e revoluções, xenofobias e etnicismos, racismos e fundamentalismos, em busca de trabalho, refúgio, raízes, paz. Continuam a percorrer territórios e fronteiras, continentes, ilhas e arquipélagos, levando pelos caminhos as marcas dos próprios passos, desenhando no mapa do mundo os sinais de suas errâncias. (IANNI, 2004, p. 165)

Esta reflexão nos leva a pensar que, se no âmbito individual nos fazemos nas relações com o outro, no âmbito sócio-cultural o coletivo se faz pelas relações dos indivíduos com outras realidades, com outras culturas. E também nesse fazer há conflitos, tensões, discursos que se impõem e se interpõem... Neste sentido, as cartas de imigrantes podem se constituir como um olhar para culturas em transformação. E, quando considerados pela Educação e sua História, os movimentos migratórios possibilitam não o alheamento às culturas, mas travessias...

### 5.3 “CLUBE DA CORRESPONDÊNCIA”: ESPAÇO DE AUTO/BIOGRAFIAS

Todos os caminhos conduzem ao mesmo objetivo: comunicar aos outros o que somos. Devemos atravessar a solidão e a dificuldade, o isolamento e o silêncio, a fim de chegar ao local encantado onde podemos dançar nossa dança desajeitada e cantar nossa canção melancólica - mas nessa dança ou nessa canção são cumpridos os ritos mais antigos de nossa consciência, na percepção de sermos humanos e de cremos em um destino comum.

Pablo Neruda

Dentre os muitos caminhos que conduzem ao outro, as cartas pessoais ainda se constituem como meio privilegiado de comunicação, apesar dos avanços tecnológicos que fizeram aumentar as possibilidades de tocar o outro. Ao menos, este é o modo de pensar dos participantes do “Clube da Correspondência” com quem conversamos. Conhecemos uma pessoa, que integra o Clube há sete anos, e que nos apresentou algumas de suas cartas, recebidas de outros sócios do clube, bem como nos colocou em contato com outros associados, que também nos mostraram parte de sua correspondência e nos contaram, de modo geral, como o clube funciona e suas relações com ele.

Com a finalidade de aprofundarmos o estudo dessas relações, realizamos uma entrevista semi-estruturada - gravada e transcrita - com a integrante do Clube que conhecemos primeiro, buscando conhecer de modo mais particularizado essa associação e as experiências que proporciona.

Nosso objetivo, desta forma, é contribuir para entender como esses correspondentes - que similarmente a outros no mundo todo - realizam esse ritual de escrita e leitura, na maior parte das vezes com interlocutores que nunca viram, com pessoas, ao menos inicialmente, desconhecidas. Também pretendemos nos aproximar da motivação para a realização dessa prática que, a princípio, parece estar ligada à necessidade, já tão conhecida, que ainda hoje persiste no ser humano, de registrar e se registrar, narrar suas histórias, contar de alguma forma quem é - ou, em outras palavras, de escrever sua autobiografia - ao mesmo tempo em que tem acesso à biografia de outrem.

Procuraremos, então, relatar as informações que obtivemos sobre o “Clube da Correspondência” nas conversas informais que tivemos com dois de seus participantes e depois, na entrevista realizada com uma terceira integrante do Clube.

### **VÁRIOS CLUBES, CORRESPONDÊNCIA DIVERSIFICADA...**

Em nosso contato com membros do “Clube da Correspondência” pudemos perceber que não existe apenas um clube de correspondência, mas que os correspondentes se filiam aos diferentes clubes a que têm acesso, seja pela informação dada por amigos, familiares, ou como ocorre mais recentemente, pela internet. Até alguns anos atrás, os clubes de correspondência se restringiam à troca de correspondência postal, hoje incluindo também a troca de correspondências virtuais. Nosso trabalho não contempla os últimos, tivemos uma preocupação em focalizar apenas os clubes que se mantêm pela troca de correspondência postal, já que estes nos legam documentos, pela sua materialidade, mais facilmente acessíveis para serem consultados, analisados e preservados.

Novos adeptos dos clubes de correspondência podem ter seus nomes inseridos numa ampla cadeia de correspondentes, por meio de pequenos blocos de papel em que inscrevem seus dados e interesses, juntamente com as cartas que enviam para seus primeiros correspondentes, que ajudam a divulgar o novo sócio enviando para os seus próprios correspondentes esses papéis, denominados FB’s (Friends Books), ou seja, livro de amigos. Eventualmente, se algum membro do clube se interessar por manter correspondência com o novo integrante, escreve a ele. Também é possível que, ao contatar um membro do clube, ele envie um rol de outros integrantes para que a pessoa que deseja se integrar ao clube, escolha com quem deseja se corresponder.

Não obtivemos, junto aos integrantes do clube, números precisos sobre a quantidade de integrantes que o clube possui, nem tampouco, quando começou a existir esse tipo de associação, ou ainda, os países que delas fazem parte, mas sabemos ser muitos, no mundo todo.

Há um clube da correspondência que pode ser acessado por meio da internet, denominado “International Pen Friends” , que postula a adesão de três milhões de pessoas ao longo de quarenta anos de existência. No *site* dessa associação há um formulário que permite a qualquer que queira se filiar ao clube enviar seus dados, que serão enviados a quatorze outros sócios de sua idade para que se inicie a troca de correspondências. Embora esteja divulgado na internet, trata-se de um clube para troca de correspondências exclusivamente pelos correios. Há também comunidades em *sítes* de relacionamentos, que procuram congregar aqueles que

têm vontade de se corresponder por meio de cartas. Dessa forma, hoje há, curiosamente, facilidades tecnológicas para aqueles que desejam se conectar por um meio de comunicação mais tradicional.

Nas cartas de sócios de clubes de correspondência que tivemos a oportunidade de conhecer, pudemos perceber um “padrão autobiográfico” que os integrantes dos clubes de correspondência parecem seguir, sem que haja necessidade de protocolos oficiais para que optem por ele. Na primeira carta o remetente faz uma apresentação de si, procurando contar quem é, por meio de dados como sua idade, ocupação, como é sua família, quais são seus interesses, *hobbies*, descrevem o lugar onde vivem, etc. Recebem em resposta uma apresentação semelhante. Há, normalmente, um envio recíproco de fotos depois que algumas cartas são trocadas e uma relação de confiança se estabeleceu entre os correspondentes. É em circunstâncias assim que surgem também relatos de experiências, descrição de sentimentos perante pessoas ou situações, fatos ocorridos na infância, entre outros elementos biográficos, que são inscritos na correspondência, dependendo de como se dá a relação entre esses correspondentes. Tivemos a oportunidade de perceber que um mesmo correspondente mantém diferentes formas de se corresponder, de acordo com o destinatário. Em algumas, a relação é mais intimista, noutras os assuntos abordados são de caráter mais geral, ou corriqueiro.

Um outro fator que contribui para a aproximação dos sócios dos clubes de correspondência são os encontros anuais, promovidos para que os correspondentes possam se conhecer pessoalmente ou se reencontrar.

A seguir procuraremos tratar da escrita epistolar propriamente dita, buscando nos estudos feitos por teóricos no campo da História Cultural, Filosofia e da Biografia, as bases para a relação entre cartas e escrita biográfica.

### **AS CARTAS: POSSÍVEIS ESPAÇOS DE CRIAÇÃO AUTO/BIOGRÁFICAS**

Nas cartas pessoais, diz Cunha (2002), vislumbra-se o autor que fala de si mesmo, se expõe e fala de suas experiências, que se confronta com códigos estabelecidos e a partir deles inventa um lugar para si, por meio das palavras. Relações mais ou menos intensas despontam da escrita epistolar, que permite a quem escreve “viver, explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer.” (BOLLEME, apud CUNHA, 2002,

p.184). Assim, o estudo de cartas pessoais, aponta Chartier (1990), contribui para a compreensão de como “uma realidade é construída, pensada e dada a ler”, Muito do que permaneceria invisível - se fossem tomados para estudo apenas os grandes fatos - pode aflorar com o estudo das auto/biografias lidas nas cartas de pessoas “comuns”:

(...) en vez de describir minuciosamente al más grande hombre de nuestra época, o de anotar las características de los más gloriosos del pasado, habríamos de narrar com el mismo celo las existencias singulares y únicas de los hombres, fueran éstos divinos, medíocres o criminales. (SCHWOB, 1999, p. 406, grifo do autor)

A figura do destinatário também pode ser divisada em um texto epistolar, por meio dos assuntos que com ele são tratados, pela forma como tais assuntos são abordados e pela própria apresentação da carta. Evocamos aqui mais uma possibilidade da escrita epistolar: a do fazer auto/biográfico, já que o autor epistolar é aquele que unifica um coro de vozes e cria algo novo.

Assim, ao escrever cartas, o autor se expõe, se mostra, faz aparecer seu próprio rosto perto do outro, declara Foucault (1983), ainda que seja o seu rosto como gostaria que o outro visse...

E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (Foucault, 1983, p. 156)

O que nos mostra o autor epistolar pode ser um olhar sobre o real, sobre o que é verídico, ou verossímil, isto é, uma idéia de veracidade é sempre transmitida no texto epistolar por meio da formalidade autobiográfica conferida pelo “eu textual”, resultado como em outros escritos de memória, “do que se diz e do que se silencia, do que se escreve e do que se oculta” (GÓMEZ, 2002, p. 27).

O fazer autobiográfico no texto epistolar, como em todos os demais textos autobiográficos, comporta o ato de recordar o passado no presente: nele o autobiógrafo imagina a existência de outra pessoa, de outro mundo, que não é o mesmo mundo que o mundo passado, o qual, por mais que desejemos, não pode existir no presente (LOUREIRO, 1991, p. 36). As auto/biografias se constituem, desta forma, em trabalhos de criação. Não se trata meramente de transpor

acontecimentos, ou experiências vividas, para a linguagem escrita, mas, antes, de criar, dando ao texto auto/biográfico um “eixo”, um enquadramento para as memórias que serão incluídas na biografia, já que não é possível narrar a totalidade de uma vida. Assim,

El arte del biógrafo consiste precisamente en la selección. No tiene por qué preocuparse de ser exacto; su cometido es crear em um caos de rasgos humanos. Leibniz dijo que, para hacer el mundo, Dios escogió lo mejor entre los posibles. El biógrafo, como una divinidad inferior, sabe escoger entre los posibles humanos el que es único. (SCHWOB, 1999, p. 405)

O biógrafo,- seja ele escritor de sua biografia, ou da biografia de outrem, dá assim, significado a experiências, que de outra forma, se dispersariam.

Recordar es algo que nosotros hacemos y para lo que necesitamos la oportunidad, el concurso de la imaginacion y la habilidad de la composicion. Por eso, la recolección tiene la forma de una narración desde un punto pasado hasta el presente en función de un punto de vista que la hace significativa. (LARROSA, 1996, p. 466)

Segundo Larrosa, para nos definir, dizer quem somos, narramos. Nossa história de vida, singular, é o que nos torna únicos. O tempo vivido é então o tempo narrado, articulado em uma história; desse pensamento se depreende a ligação entre as questões da temporalidade e a linguagem, já tratada no capítulo 3.4.

Pela dimensão criativa dos textos autobiográficos e biográficos, podem ser considerados textos de ficção. Aquele que é autobiografado ou biografado se converte em personagem. É preciso lembrar que há também criação na leitura das autobiografias em geral, e naquelas contidas nos textos epistolares, em particular. Sabe-se que o leitor atribui sentidos ao que lê em conformidade com suas leituras prévias, de textos escritos, falados, ou imagéticos, e de sua própria história de vida.

Iremos nos aproximar, a seguir, do fazer auto/biográfico na escrita epistolar, tomando como exemplo a correspondência trocada entre duas integrantes do “Clube”, num período de seis anos, iniciando-se no ano de 2001. Embora elas continuassem a se corresponder no ano de 2008, delimitamos a inserção dessa correspondência nesta pesquisa até o mês de dezembro de 2007. Também serão trazidos dados obtidos na entrevista com uma dessas correspondentes.

### **A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE SELADA PELA ESCRITA DE CARTAS**

A amizade de Helena e Natália – os nomes são fictícios e foram trocados para preservar a identidade das reais correspondentes – se iniciou em 2001, quando Helena recebeu de uma amiga os contatos de algumas pessoas com quem pudesse se corresponder. Conforme ela nos conta em entrevista que realizamos, ela sentia necessidade de fazer novas amizades e, tomando conhecimento da existência do “Clube da Correspondência”, pediu à amiga que fazia parte dele, para lhe passar nomes e respectivos endereços de possíveis correspondentes.

Assim, de Rio Claro, interior de São Paulo, Helena iniciou a troca de cartas cujo conteúdo não tivemos a oportunidade de conhecer, mas que motivou respostas de Natália, moradora de Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo. Há em suas cartas, que pudemos ler ao que nos parece, um forte caráter autobiográfico, como neste fragmento, de carta enviada em março de 2005:

Cachoeira de Tupacirua, 06-03-2005

Amigo

Hoje começo esta carta com uma pequena crônica intitulada:

A Jabuticabeira



Em 1986 fizemos uma viagem a Curupelá - MG na casa dos parentes de mamãe. A casa possuía um quintal imenso com muitas árvores frutíferas, mas as jabuticabeiras eram as rainhas do quintal. No dia que vimos embora trouxe uma muda, com ramos ou menos 80 cm de altura, e chegando em casa com a muda foi alvo de muitas críticas pois ninguém acreditava que aquela muda iria vingrar. Na época, Gustavo, meu sobrinho, estava com 5 anos e eu só me digo que quando ela tivesse quinze a jabuticabeira daria os primeiros frutos e realmente deu. Foram 9 frutinhas que eram vigiadas noite e dia. No dia da colheita foi uma festa, uma frutinha para cada um da família, mamãe, Sônia, Cláudio, eu, Gustavo, Araya, Claudinha, Tereza e Vovoz. Cada um pegou um pedaço de um das frutinhas e se aproximaram pela árvore. Três anos depois é que ela voltou a dar frutos e desta vez foi em três. Nos anos seguintes ela floresceu abundantemente e já foi possível colher vários ou menos um litro de deliciosos. Tem um ano que ela deu mais e aconteceu um fato interessante, uma pessoa voltou à vontade das frutas, à noite, colheu-as e disse as irscar no trabalho. Já pretendo investigar a muita indagação. Até hoje não descobri o autor da façanha.

Em 2003 ela só floresceu um lado, ela tem dois galhos grandes, cheios de ramificações. Já haviam estranhado mas nos deliciamos do mesmo

jeito. Em meados de setembro aconteceu a mesma coisa mas isso já em 2004. Em final de outubro chegou apanha as frutas e nos despedimos das deliciosas frutas com um "até o próximo ano".

No final de novembro de 2004 acordei sentindo um perfume intenso no ar da manhã. Pensei que era perfume de alguém que estivesse tomando banho. Cheguei no quintal e o perfume estava mais forte e comecei a observar tudo ao redor e fui quando percebi que a "neve" havia tomado conta de nessa jabuticabeira, ela estava florida desde o tronco até a ponta dos galhos e suas flores pareciam flores de neve. No Natal as flores de neve deram lugar a milhares de frutos maduros, negros com pontos de luz. Os frutos foram colhidos por Gustavo, lavados e colocados numa bacia bonita e em uma das mesas junto com as outras frutas mas as jabuticabas foram a rainha de Natal e todos se deliciaram com essas frutas que uma vez tive a seguinte comparação: "A jabuticaba é para o mundo assim como o mar é para a canoa".

Gostou da minha crônica? A comparação final foi feita pela Maria Clara Machado, prosaísta mineira de teatro que fez crônicas no Rio de Janeiro onde morou por muitos anos.

Natália envia trechos comuns de suas cartas a mais de um correspondente, por meio de fotocópias, que ela complementa com partes individuais, já que mantém correspondência com cerca de cem pessoas, o que lhe toma bastante tempo, conforme pudemos observar em mais de uma de suas cartas. Professora aposentada, ela cuida da mãe idosa, com quem mora, o que a afasta, durante alguns períodos breves, da correspondência. Helena manuscreeve individualmente suas cartas na íntegra, seus correspondentes somam doze, número que ela considera adequado para que possa manter a assiduidade mensal de uma carta a cada um deles. Segundo nos disse, Helena teve seus anseios atendidos ao entrar para o "Clube". Ela já trocava cartas com amigos, principalmente da época de faculdade, que haviam se mudado da cidade, mas queria ampliar seu círculo, conhecer pessoas diferentes. Após sete anos de adesão ao "Clube", se correspondendo com aqueles em quem visualizou afinidades, considera que hoje são suas amigas, pessoas com quem conversa como se conversa com amigos

“presenciais”, trocando confidências, contando desde fatos triviais até segredos, assuntos de caráter bastante pessoal. Nos seguintes trechos de cartas enviadas por Natália a Helena em diferentes momentos, pode-se perceber um estreitamento dessa relação, que passa da descrição de quem se é, no início, para a revelação advinda de como se está, de como se reage nas situações mais diversas da vida:

[...]

Gosto demais de montanhas, clima frio, detesto animais em casa, sou defensora ardorosa de que bicho tem que viver no mato em liberdade. Aprecio os pássaros por causa de sua total liberdade e da beleza de sua plumagem. Viajar, ler, escrever e costurar são verdadeiras paixões.

[...]

(trecho de carta de Natália para Helena – 20/07/2001)

[...]

A sensação de impotência diante de um fato te deixa muito insegura e é isto que estou sentindo: impotência e insegurança.

[...]

(trecho de carta de Natália para Helena – 28/04/2007)

Nem todos os correspondentes se mantiveram ao longo dos sete anos em que faz parte do “Clube”, conta Helena; com alguns não houve afinidade, alguns faleceram. Essas perdas, relata, foram os acontecimentos mais marcantes da sua história de correspondência no “Clube”. Ela nos diz também que “uma mesma coisa que conta, às vezes para quatro, cinco correspondentes, cada vez conta de um jeito”, o que nos indica uma personificação dessas relações, isto é, a cada destinatário há uma forma mais ou menos aprofundada para tratar os assuntos, bem como a impossibilidade de se repetir ao narrar: algo muda sempre que contamos outra vez uma mesma história, o mesmo fato.

Na relação de bem-querer que estabelece entre correspondentes, é constante a troca de felicitações pelos aniversários, votos para boas festas, palavras de conforto nas dificuldades, recomendações para melhoras na doença do próprio correspondente, ou de seus familiares ou amigos. Nas cartas de Natália são expressivas, ano a ano, as celebrações pelo dia do amigo, que ela faz questão de lembrar.

Outro aspecto interessante dessa correspondência entre Natália e Helena a ser salientado é a profusão de desenhos, colagens, citações e histórias anexados ao texto escrito. Mais um aspecto de uma história de delicadezas. História fortalecida pelo próprio tempo de que é constituída...

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

Há muito se sabe que a escrita epistolar pode contribuir para a criação biográfica ou para estudos biográficos. Procuramos aqui evidenciar a vontade, ou necessidade mesmo, de muitos correspondentes em todo o mundo, de contar quem são, de registrar suas histórias, talvez até mesmo de compreendê-las, por meio da prática de troca de correspondências – prática realizada voluntariamente – com vários interlocutores diferentes, na maioria das vezes.

Do nosso ponto de vista, a prática epistolar dos integrantes do “Clube”, transgride a lógica da prática epistolar “tradicional”, que nasce da necessidade de vencer distâncias, de atingir um ente querido na sua ausência, de manter, por meio da escrita de cartas, vivos vínculos, contatos...

Nas cartas do “Clube”, ocorre algo bastante diverso, senão contrário: vínculos que inexistiam são fundados, amizades são iniciadas, talvez pudéssemos até mesmo falar numa “invenção do outro”, que é um outro já existente, uma pessoa viva de fato, mas que passa em parte a ser criado na imaginação e nas leituras das respostas que envia.

Parece-nos que a amplitude do assunto aqui tratado mereceria outras investigações, como por exemplo, a história mais minuciosa do “Clube”, bem como a focalização de correspondências que tenham duração mais longa, a fim de que o aspecto auto/biográfico dessa escrita seja estudado com mais profundidade. De qualquer modo, ainda que de forma incipiente, neste trabalho procurou-se resgatar um segmento da escrita epistolar em que o ato de escrever tem sua força mais uma vez reafirmada e ainda, indicia a oportunidade para que pessoas se inscrevam e se dêem a conhecer em papéis que guardam suas histórias e a história de sua correspondência.



Imagem... Imaginação. Não por acaso, esses dois vocábulos oriundos da mesma raiz latina, me ocorrem para começar a tratar dessa história de correspondência, história de escrita e leitura. A imagem da página anterior dá a ver, pela vibração das cores e figuras sugestivas, a marca fortemente presente de um eu que escreve. São imagens do conjunto de envelopes que embalou as cartas de Adriana e Alexandra. Essas duas amigas se corresponderam desde maio/2005 a dezembro/2006. Se os invólucros para os seus textos epistolares são assim instigantes, não menos singular é seu conteúdo.

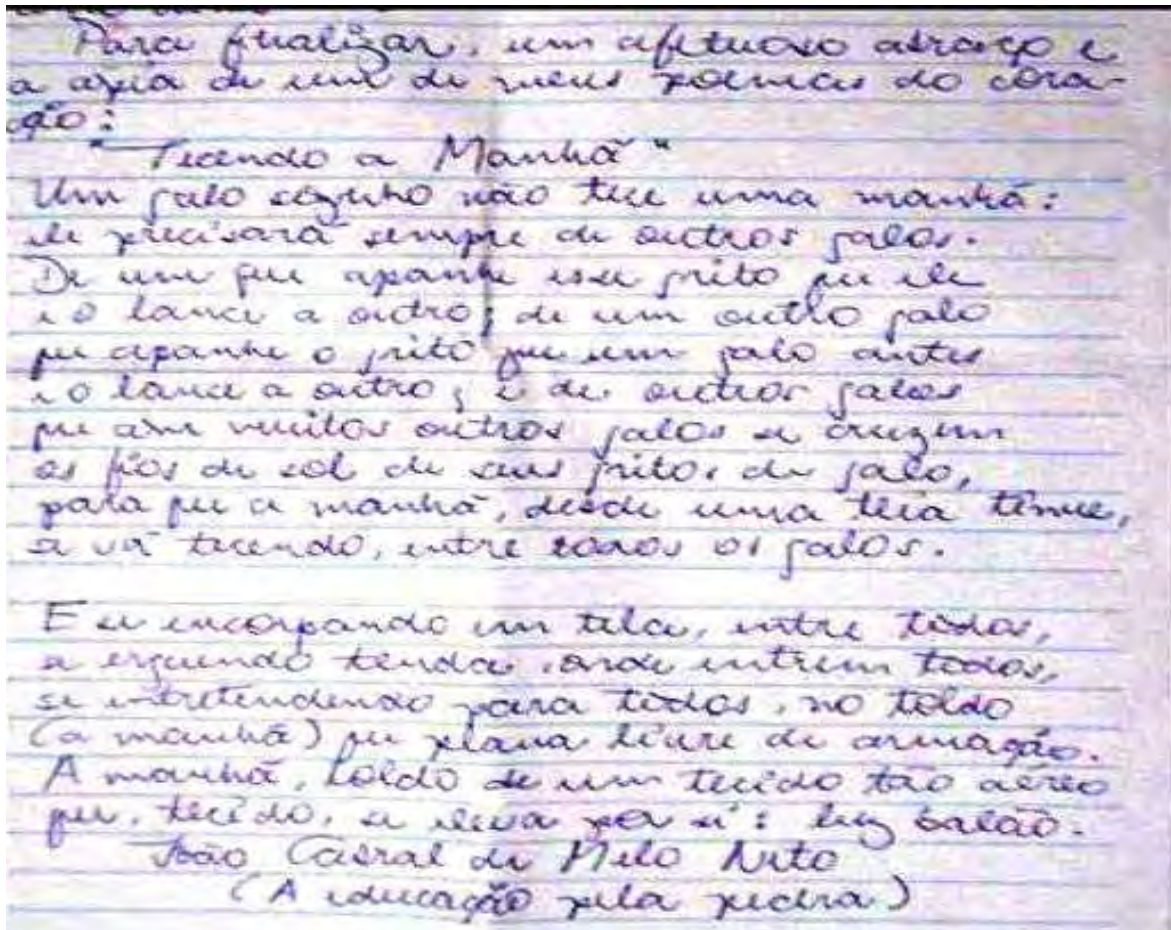
Adriana, estudante de Letras, mora numa cidade diferente de Alexandra durante o período letivo. Elas se encontram na sua cidade nas férias e feriados prolongados, onde Alexandra reside e exerce a profissão de psicóloga. Embora ambas já tivessem, à época dessa correspondência, acesso a telefone e computadores com internet - meios pelos quais também se comunicavam - as correspondentes encontravam nas cartas um meio privilegiado para a “troca de notícias e afetos”, como elas mesmas se referiam à correspondência via postal.

Em nossas primeiras leituras dessas cartas observamos uma profusão de citações, menções, anexos e comentários que ambas inserem em suas cartas, retirados de textos outros, escritos ou fílmicos, que as correspondentes haviam lido ou estavam lendo no momento em que escreviam, como se pode observar na tabela anexa ao final deste texto, em que compilamos os intertextos presentes nessa correspondência. Deste modo, as muitas vozes que se fazem ouvir nos textos dessas cartas se mesclam com as vozes das próprias signatárias, numa composição dialógica/intertextual, tal como foi pensada por Bakhtin.

### **O DIALOGISMO NAS CARTAS DE ADRIANA E ALEXANDRA**

O fenômeno do dialogismo, identificado por Bakhtin e depois também denominado pelo termo intertextualidade, teve como primeiro foco de estudo o campo literário, sendo compreendido como as citações de um texto em um outro, com o fim de homenagear um autor ou um texto que se aprecie, ou como argumento de corroboração do que se está dizendo ou até mesmo transformação de sentidos do texto que se escreve. No entanto, a intertextualidade não se restringe às produções escritas, podendo ser aplicada também às produções imagéticas e, como já mencionamos anteriormente, nos discursos falados.

De uma forma metafórica, o poema "Tecendo a manhã", que Alexandra transcreve na carta enviada para Adriana, em 16 de junho de 2005, trata da questão da intertextualidade, como se pode ver no fragmento que reproduzimos:



Adriana responde a essa carta, em 06 de julho de 2005, fazendo referência a esse e outro poema, além de interpor em seu texto um fragmento extraído da obra de Machado de Assis:

Por que imaginamos um se caminho? Um se fim?

E o "Decreto da Alegria" me encheu de saudade de tanta coisa... que tristeza mais alegre quando sinto saudades das coisas que passaram! Preciso dessa tristeza para e continuar a viver alegremente. Não há como ser feliz sem conhecer a tristeza, assim como não se pode ser triste sem ter sido feliz. E somos felizes e tristes ao mesmo tempo e todos os dias e todas as horas, porque vemos, pensamos, sentimos e somos cheios de esperança.

Diz Machado de Assis em "Essai e Jacó" que "a esperança é a menina do mundo". Essa esperança é a minha menina, então, e ainda estou descobrindo o mundo ao meu redor, como lhe disse antes.

Esta carta, em si, é uma menina! É a sua, também!

E, assim, interagimos, tecendo a manhã.

Sejamos galos!

Por vezes a intertextualidade não é clara, não faz referência a nenhum texto, diretamente, mas ocorre pela composição textual, como se pode observar nesta carta, escrita por Alexandra em 27 de junho de 2006:

27 de Junho de 2006

Querida amiga A

a cidade amanheceu envolta de névoa, que demora a se dissipar. Apenas por volta das 10h há uma neblina de seletiva filtrada - a névoa entre o céu cinzento e espaço. Enquanto dirigia-me ao trabalho, talvez cuidadosamente pelo trânsito, carregava em mim uma gostosa sensação de ser acolhida pelo mundo, pela memória de sempre. Parece algo contraditório, mas eu amo imensamente esta estação, quando estou-me embolada: não há mal que sempre dure. Nasce num inverno (a 4 de agosto, especificamente), talvez por isso eu o amo. E penso que todos os dias, ao acordar, revivemos o nascimento: somos do acuncho das cobertas e dos sonhos, que nos trazem situações políticas, para o fim da vida - quando a névoa necessária suscita a gente a-lá de outros. Para mim, talvez o maior dilema é buscar a proximidade do relacionamento com as ideias dos outros (presente nas conversas, nas histórias escritas ou filmadas).

Quero que esta seja uma carta muito simples, marcada por pequenas (ou não grandes e humanas?) experiências, um preceito de que este livro não precisa de um tempo de névoa acolhermos nas nossas dores, alegrias e pensamentos. Onde por-

como "pedir um vaso de vidro", e no (inter-  
 stância) próprio, transformando em uma "apar-  
 tado do, divalores um parte da vida, e não o  
 anteposição dela.  
 Sempre tudo muito a dizer - você tem o calor,  
 mas hoje apenas contarei do manuseio em um flor  
 plantado no vaso plástico por minha avó, e  
 que me fez lembrar de nossa conversa sobre tem-  
 peros (calorim, tipos de manuseio, cálcio), do  
 aparelho aquecido para a conversão bruta e li-  
 quida, com o compromisso com a língua, depois do  
 almoço - tudo isso para mim era "passada",  
 e para me como "passada" e "lá em seu amigo  
 do eu."  
 Que esta carta te faça sorrir...  
 Um abraço,  
 A

A leitura dessa carta nos coloca como que frente a um texto do romantismo, embora faça referência direta a um poema do modernismo. Nas sucessivas leituras que fizemos dele, a data se foi abstraindo, experimentamos estar lendo um texto muito mais antigo do que ele é, de fato. Podemos dizer, quem sabe, que na leitura dessa carta nos sentimos contemporâneos com um passado que não é, nos alinhamos com um passado forjado pela linguagem...

Na leitura desta outra carta, diferentemente, pode-se experimentar, uma sensação de contemporaneidade com o hoje de nossa leitura; quando fala sobre o que aconteceu ontem, a signatária parece estar falando do dia antes de hoje, não de 30 de julho de 2006...



## Thatyiformando!

I, 31 de Junho de 2006

Mãe querida amiga,  
 não sei da minha capacidade  
 em escrever palavras de im-  
 contável sua profundidade e im-  
 trinitada corata, tampouco ab-  
 to - me compulsa a analisar  
 a vida da sua mãe; apenas  
 quero dizer-lhe da sua capaci-  
 dade em colocar tão patética-  
 mente no papel tamanho co-  
 fumento. Sou - um como algo  
 de rara beleza, conqueto, em  
 que a busca o verdadeiro se  
 relaciona com o "como"  
 cada parte e o papel de ter  
 a nós. Você antecede ao modo  
 da mesa e de si mesmas,  
 num verdadeiro ecotipo  
 amoroso e humano, solidário,  
 em com suas capacidades  
 de narrar - confundião,  
 em parte atenta, que  
 a identifica com  
 a dor do outro. <sup>me</sup> <sup>se</sup>  
 As referências de o <sup>se</sup>

A Floresta Atlântica  
 se estende desde o Rio  
 Grande do Sul, atingindo 12%  
 do território brasileiro.  
 Restam apenas 8% da área original.

## Thatyiformando!

Esperar um que são feitas após  
 em oportunidades para a  
 proximidade. Também me  
 a uma de "colcha de retalhos",  
 lhas", em que as melhores,  
 reunidas na casa

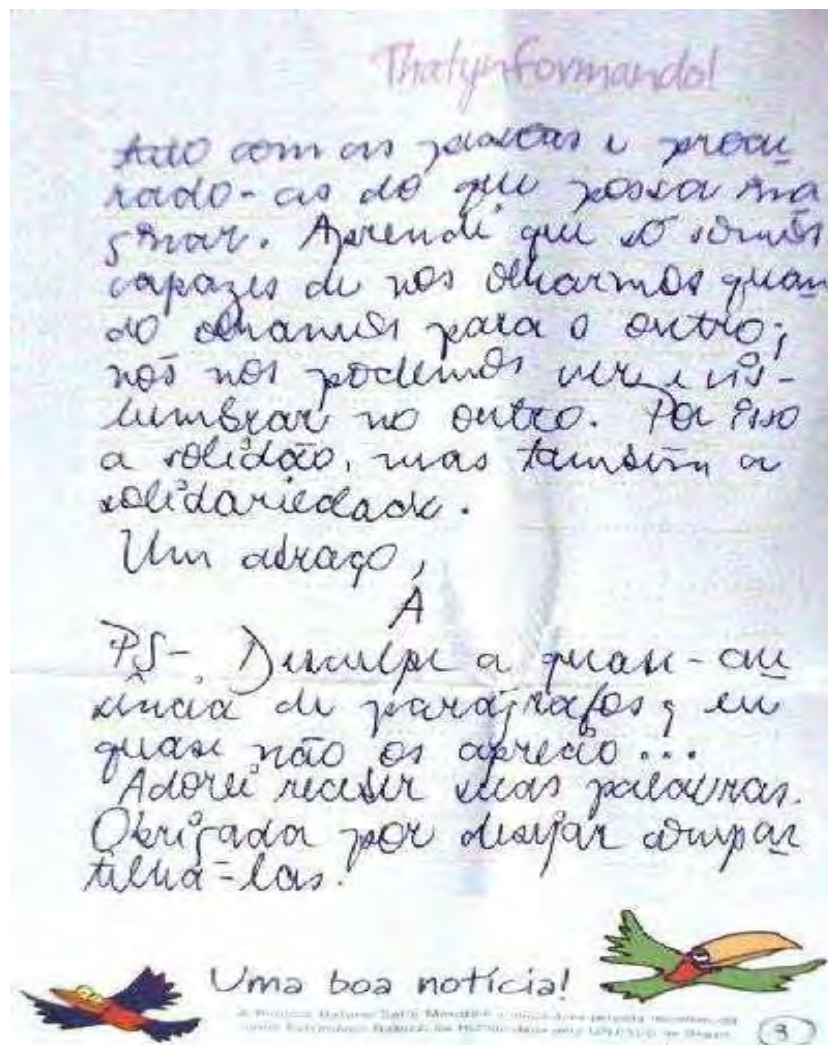


Um tesouro de flores em torno da  
 mesa, de características  
 com o que poderia ser referido  
 para outros (retalhos). É  
 um termo de um tema,  
 "onde mora o amor", com  
 punham o jeans com peças  
 próprias histórias, reapelam-  
 do-as, preservando seus em-  
 tões e elaborando-as. In-  
 tuo de são um momento  
 importante também para  
 a sua mãe, e vida, não -  
 substituída em sua dor  
 antiga e imprecisa,  
 por qual nemeria.

As Florestas Tropicais são  
 em dos ecossistemas mais  
 antigos do mundo,  
 contendo 50% do total de  
 espécies animais e  
 vegetais da Terra.



Penso. A  
 talvez você tenha  
 estado mais um ano



### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

A nosso ver, na tessitura do texto epistolar pode haver já uma contribuição para que ocorra o brincar do tempo que percebemos na leitura, a sensação de um texto ser mais antigo ou mais novo, do que ele realmente é. A correspondência aqui focalizada permite pensar que isso se dá, em parte, pelo fenômeno da intertextualidade, porque muitas vozes são ouvidas em um texto, oriundas de diferentes tempos, presentes, fazendo-nos interlocutores de uma conversa que está ainda ocorrendo, no agora da nossa leitura.

Outro aspecto a ser destacado nas cartas aqui trazidas é o de que elas constituem uma celebração da leitura e da escrita. Leitoras-escritoras que fazem da carta um espaço de criação, ou talvez seja melhor dizer, de re-criação.

**CARTAS ENVIADAS POR ALEXANDRA**

| <b>DATA</b> | <b>TRANSCRIÇÃO</b>  | <b>COMENTÁRIO</b>  | <b>MENÇÃO</b>   | <b>ANEXOS</b>  |
|-------------|---|--|---|--|
| 16/5/2005   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poema "Tecendo o Amanhã" João Cabral de Mello Neto.</li> <li>▪ Verso Mario Quintana</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poema "Decreto da Alegria"</li> <li>▪ Poema "Nosso tempo" - Carlos Drummond de Andrade</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Livro Ana e Pedro</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "O Decreto da Alegria" - Rubem Alves, recorte de jornal</li> </ul>  |
| 30/5/2005   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poema "A Amizade" de Pablo Neruda</li> </ul>   |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Filme "Colcha de retalhos"</li> </ul>  |  |
| 12/7/2005   |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Livro "Esaú e Jacó" Machado de Assis.</li> <li>▪ Livro "Ciranda de Pedra" Lygia Fagundes Telles</li> </ul>  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Texto "Onde estiveres de noite" - Clarice Lispector.</li> </ul>   |
| 17/10/2005  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Texto de Machado de Assis. Livro "Os Catadores de Concha".</li> <li>▪ Livro "O Morro dos Ventos Uivantes".</li> <li>▪ Livro "Todos os Homens são Mortais" Simone de Beauvoir</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Dialogos de Relativa Grandeza"</li> <li>• Filme "Pão e Tulipas"</li> <li>• Filme "O Fabuloso Destino de Amelle Poulain".</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "A terceira margem do rio" - Rubem Alves, recorte caderno C Jornal Correio Popular 29/02/2004.</li> <li>▪ Foto de Clarice Lispector</li> <li>▪ Recorte de Jornal "Su cadáver estava lleno de mundo" - Rubem Alves recorte caderno C Jornal Correio Popular 16/10/2005.</li> </ul> |
| 12/2005     |   |  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "O caminho que não leva a nada" Rubem Alves recorte de jornal caderno C Correio Popular 12/09/200?</li> <li>▪ "Livros que dão alegria" Rubem Alves recorte de jornal caderno C Correio Popular 31/08/200?</li> </ul>  |

|           |  |  |  |  |   |   |   |
|-----------|--|--|--|--|---|---|---|
|           |  |  |  |  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Quarto de Badulaques" Rubem Alves recorte de revista.</li> <li>▪ "Se pudesse viver novamente minha vida" Rubem Alves recorte de jornal caderno C Correio Popular 14/09/200?</li> <li>▪ Poema "Cântico Negro" José Régio copiado do livro "Antologia Poética" José Régio edições Quasi, Lisboa - Portugal. 2001</li> </ul> |   |
|           |  |  |  |  |   |   |   |
| 5/1/2006  |  |  |  |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poema "Roteiro do Silêncio" Hilda Hilst Fragmento de texto da Clarice Lispector</li> </ul>   |   |   |
| 25/1/2006 |  |  |  |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fragmento de texto de Rubem Alves</li> </ul>   |   |   |
| 10/4/2006 |  |  |  |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fragmento Livro "Infância do Futuro" Clarisvaldo Rapeli.</li> <li>▪ Poema "Uma Faca Salamina" João Cabral de Melo Neto.</li> <li>▪ Poema Carlos Drummond de Andrade "Convite à Poesia"</li> <li>▪ Verso Mario Quintana</li> <li>▪ Verso Paul Valéry</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Filme "Quero ser John Malcovitch"</li> <li>▪ Livro "Grande Sertão: Veredas" Guimarães Rosa</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tira "Calvin e Haroldo" Watterson - recorte de jornal</li> <li>▪ "Diário de relativa grandeza" José J. Veiga copiado do Livro "Histórias Fantásticas" - contos Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2002.</li> </ul> |
| 24/4/2006 |  |  |  |  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "O menino e a borboleta encantada" Rubem Alves recorte de Jornal.</li> </ul>   |   |

|            |   |  |   |   |  |
|------------|---|--|---|---|--|
|            |   |  |   |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "O Rádio" Rubem Alves recorte de jornal caderno C Correio Popular 24/07/2005.</li> <li>▪ "A cozinha" Rubem Alves recorte de jornal caderno C Correio Popular 31/07/2005.</li> <li>▪ Reportagem "Espírito Livre" revista Metrôpole 06/05/2005</li> </ul> |
|            |   |  |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Memórias de minhas Putas tristes" Gabriel Garcia Marquez.</li> <li>▪ "Memórias" Simone de Beauvoir</li> </ul> |  |
|            |   |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Primeiras Estórias" Guimarães Rosa</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Hamlet" Shakespeare</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Frase de Freud.</li> </ul>  |
| 15/5/2006  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Verso de Mario Quintana no envelope</li> <li>▪ Verso de Fernando Pessoa</li> <li>• Fragmento Lya Luft</li> </ul> |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Romeu e Julieta" Shakespeare</li> </ul>       | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Pasargada" Manoel Bandeira</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poema de Manoel de Barros</li> </ul>  |
| 23/5/2006  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Verso de Manoel de Barros no envelope</li> <li>▪ Poema Adélia Prado</li> </ul>                                   |  |   |   |  |
| 27/6/2006  |   |  |   |   |  |
| 31/06/2006 |   |  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Filme "Colcha de Retalhos"</li> </ul>          |   |  |
| 6/11/2006  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Frase Sócrates.</li> <li>▪ Prefácio à edição brasileira de "O Pequeno Príncipe" Saint Exupéry.</li> </ul>        |  |   |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Crônica "Um dia de merda" - Luis Fernando Veríssimo.</li> <li>▪ Cópia de Página da internet.</li> <li>▪ Reportagem "Aroma, Sabor e Saúde" pág. 22-26, revista Metrôpole 02/07/2006.</li> </ul>  |

**CARTAS ENVIADAS POR ADRIANA**

| <b>DATA</b> | <b>TRANSCRIÇÃO</b>  | <b>COMENTÁRIO</b>  | <b>MENÇÃO</b>  | <b>ANEXOS</b>   |
|-------------|---|--|--|---|
| 8/6/2005    | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Frase Fernando Pessoa</li> <li>▪ Poema "Nosso tempo" Carlos Drummond de Andrade copiado do Livro "A Rosa do Povo"</li> </ul> |  |  |   |
| 6/7/2005    | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Frase "Esaú e Jacó" Machado de Assis</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Decreto da Alegria"</li> </ul>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Paráfrase João Cabral de Melo Neto</li> </ul>                                 |   |
| 3/10/2005   |   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Mito da Caverna" Platão</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "O Morro dos Ventos Uivantes"</li> <li>• Filme "Fantasma da Ópera"</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ "Viver!" Machado de Assis Recorte de jornal</li> </ul> |
| 26/7/2006   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Soneto XXVI de Jorge Lima</li> <li>▪ Versos copiados do Livro "As meninas" de Lygia Fagundes Telles"</li> </ul>              |  |  |   |
| 18/12/2006  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Texto "Abismo" de Nilson Oliveira.</li> <li>▪ Poema "Aos que sonham" Raul de Leoni</li> </ul>                                |  |  |   |

### 5.5 A PALAVRA VETADA: CARTAS ÀS MARGENS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



4. - 8. - 37.

Liebe Frau von Zschack,

Vielen herzlichen Dank für  
Ihren lieben Brief und die netten  
Bilder, die mir angekommen  
sind. Ist sie denn schon auf-  
gewacht? Ihr eigener Feind

ist Gott, das es Ihnen sehr gut  
geht! Meine Verzeigung sei  
mir auch herzlich gegeben  
und sie werden es wohl die  
Schrift anmerken. Da sie  
meine Schrift ist so sind  
so sehr gut.

Ihr kommender Monat

wird ich wohl auf Reisen sein.

Und aus diesem Grunde ist  
meine Wohnung alle von

auswärts und gar nicht möglich.

Ja, das glaube ich, das habe  
ein Glückwünschen ist, ein

Verhältnis für den nächsten Monat

zu überlegen. Das wäre meine  
Idee!

Wenn Sie mir ist alles sehr  
gut. Viel liebe Grüße!

Und wenigstens. Bitte nicht  
ich mich nicht ändern.

Bitte nachher, das ist mir  
sehr wichtig.

Ich werde mich sehr freuen

zu hören. Ihr  
Gottlieb

Ihr  
Gottlieb

Das Beste ist für mich  
günstig, um ich wissen zu können.

Was magst Du? Hoffentlich

sehr sehr gut! Ich bin mit

Freude. Ich denke das!

Au beide wird sehr gut sein.

Du bist sehr sehr glücklich!

Wenn sie, wenn er will arbeiten

wird, dann kann ich es

verstehen. Am Anfang ist es

wohl noch etwas schwierig.

Wenn er sich je mal einstellt

ist, dann geht das auch sehr  
gut. Denn ich bin sehr glücklich.

Ich werde mich sehr freuen

zu hören. Ihr  
Gottlieb

As ilustrações das páginas anteriores mostram duas cartas escritas e postadas na Alemanha em momentos diferentes, que circunscreveram a Segunda Guerra Mundial: A primeira foi escrita e enviada no período embrionário dessa grande guerra, mais precisamente em 1937, quando se sabe que a Alemanha já estava em forte crise e a Gestapo, atuava fazendo calar os que não concordavam com o Nacional Socialismo e exterminando minorias. Apesar do Tratado de Versalhes, o rearmamento bélico alemão já havia sido demonstrado no apoio que o país dera ao bombardeio à cidade de Guernica, na Espanha, em abril daquele ano. O ideal expansionista do nazismo daria mostras no ano seguinte, com a anexação da Áustria pela Alemanha. Assim, embora o período II Guerra seja compreendido entre os anos de 1939 e 1945, consideramos que se vivia, na Alemanha de 1937 num estado de Guerra, já que o estado de direito deixara há muito de vigorar naquele país.

A segunda carta, um cartão postal, mais propriamente, foi endereçada, assim como a primeira, para a cidade de Neuchatel, na Suíça, no ano de 1944, já no final da Guerra. Apesar de o contexto histórico e político em que as cartas foram escritas serem primordiais para a reflexão que pretendemos fazer neste trabalho, nossa proposta não é a de fazer um estudo historiográfico, e sim, dialogar com os documentos epistolares que trazemos para estudo.

As duas cartas aqui enfocadas, encontradas num sebo, estavam à venda com outros artigos voltados para colecionadores de filatelia, pois trazem intactos os selos e a interceptação nazista, que proibiu sua circulação. Embora aos nossos olhos esses documentos parecessem raros, não tinham grande apelo filatélico porque a maior parte das cartas daquele período, postadas na Alemanha, recebeu semelhante veto; o que converteria tais documentos em raridades seria justamente a ausência de interdição, nos informou o comerciante. Segundo ele, o conteúdo escrito também não era tão valorizado entre filatelistas. Ambas as cartas passaram então a fazer parte de nosso acervo pessoal, e possibilitaram as reflexões agora trataremos.

### **DIALOGANDO COM O INTERDITO**

O fato de estarem escritas em alemão nos levou de imediato a conjecturar sobre o que havia motivado a interceptação dessas cartas pelo regime nazista e, sem dúvida, nos instigava... Haveria algum segredo que viríamos a compartilhar?

Traria alguma verdade histórica oculta? Deixar-nos-ia tristes? Somente o conhecimento do seu conteúdo parecia capaz de responder às questões que emergiam do contato com essas cartas. Obtivemos então uma tradução “informal” desses textos epistolares, que transcrevemos:

14 de agosto de 1937

Cara Senhora de (nome ilegível)

Um grande obrigado de todo o coração por sua amável carta e as fotografias das quais gostei muito. Onde estas foram tiradas? Na sua própria casa? Espero que a senhora vá bem. Minha ferida também já melhorou bastante, a senhora pode perceber isto na minha caligrafia. Pois bem, minha caligrafia de qualquer jeito é horrível.

Hoje à tarde vou .....

..... a Rumpelmayer

No mês que vem estarei provavelmente em viagem. E depois vou mudar meu domicílio provavelmente para (nome ilegível). Sim, também eu creio que (nome ilegível) é um pequeno galinheiro comparando essa cidade com as praias de lá. Lá eu me sentiria bem. Pelo resto, não há nada de novo por aqui. Muito trabalho sempre. E pouco tempo livre. Hoje pretendo descansar. O tempo hoje não está suficientemente bom para ir nadar.

O que faz Paul? Espero que ele vá bem. A senhora encontra Freddy às vezes? Espero que sim. A ambos, muitas saudações. Paul já ficou muito tempo sem escrever. Pois bem, se ele tem que trabalhar muito, eu posso entender isto, no começo tudo é um tanto difícil. Depois de se acostumar, tudo vai melhor. Neuchâtel é uma cidadezinha pequena? Em todo caso deve se sentir melhor do que em Frankfurt, com todas essas paisagens bonitas e os lagos nessa viagem pela Suíça.

Pois bem, na esperança de ouvir logo algo da senhora, termina minha carta.

Cara Senhora de (nome ilegível), receba meus cumprimentos cordiais e transmite-os também a Freddy e Paulo.

Na boa amizade de seu (nome ilegível).

Local (ilegível), 14 de abril de 1944

Minha duplamente querida Mariazinha,

Muito obrigado pela sua carta aérea, expressa e registrada, que recebi com grande alegria. Também as notícias que você escreve trouxeram enormes alegrias. Aqui não há nada de novo, pois já escrevi tudo na minha carta de ontem, a qual você já deve ter recebido. Para hoje eu termino com muitas saudações a todos também da família (nome ilegível)

Assinatura (ilegível)

Ausência. Esta foi a principal marca que encontramos no conteúdo que se desvelou para nós. Ausência de tudo o que supúnhamos relevante para a proibição de que tais textos circulassem foi o que mais nos chamou a atenção. Aliás, são de tal forma, prosaicas e “inofensivas” as traduções dos conteúdos, que nos permitiram pensar que seja a desimportância e o esvaziamento de profundidade a terem chamado a atenção dos censores. A ilegibilidade da assinatura e de localidades mencionadas talvez outra razão dos vetos. Destinatários, país para onde foram enviadas, tantos poderiam ser os elementos contrários à circulação desses documentos que percebemos não ser possível precisar os porquês da proibição, assim como outras questões relacionadas à procedência desses documentos, que permanecem em aberto: Quem escrevera esses textos? Para quem? Como essas cartas vieram para o Brasil? Por quê?

Contamos apenas com os textos - cartão, carta e envelope – que carregam a interdição em seus conteúdos, que ocultam nomes e silenciam mesmo quando se referem a notícias alegres, como ocorre no cartão e que, no caso da carta, fala de viagem, de um eu que deseja ir a outros lugares, não permanecer, não ficar contido na massa que se queria guiada, orientada por um *Führer*. Palavras registradas na efemeridade de um material tão menos resistente e vistoso como seriam os monumentos e edifícios projetados por Hitler para atrair e reter as grandes massas... Tendo chegado ao poder pelo engendramento de massas e, portanto, conhecedor de que elas se desagregariam facilmente, lança mão de meios que impeçam essa desagregação, que são, nas palavras de Canetti (1990), o crescimento e a repetição regular. A primeira seria conseguida por meio dos projetos arquitetônicos em si e a segunda, por meio dos eventos que essa arquitetura abrigaria em que a massa pudesse ver a si mesma, reunida. Uma das características das massas, aponta ainda Canetti (1995), é a ânsia pela destruição... Estruturas frágeis como envelopes e cartas, no entanto, minariam tal projeto arquitetônico, não fossem controladas, censuradas, desviadas... A contenção das palavras se faz primordial quando se quer um regime ditatorial; do contrário, em suas travessias e inauguração de espaços de leitura, seja narrando ou descrevendo, relatos em geral e textos epistolares em particular, criam, inventam espaços de viver (CERTEAU, 1996, p. 209)...

Se, como vimos, ao circular a palavra estabelece conflitos, ao ser utilizada na interação com o outro, é, portanto, no conflito dialógico que a humanização do homem acontece, não na univocidade de multidões saudando um ditador...

A verdade sobre o homem na boca dos outros, não dirigida a ele por diálogo, ou seja, uma verdade à revelia, transforma-se em mentira que o humilha e mortifica caso esta lhe afete o “santuário, isto é, o “homem no homem”. (BAKHTIN, 1981, p. 50)

Neste sentido, a relevância dos documentos que enfocamos aqui parece emergir, a carta e o cartão são como vozes dissonantes na massa que o regime de governo pretendia que fosse homogênea, igual, desejosa de um só querer.

As relações dialógicas que as cartas e outras práticas culturais propiciam, podem nos fazer olhar para o estrangeiro, ouvir o estranho, já que tudo o que não parece conosco nos parece estranho, estrangeiro e reconhecer aí também o humano.

A palavra do outro está contida no texto epistolar, o remetente o considera para reafirmar, corrigir, modificar ou explicar algum ponto que julga necessário, de acordo com o que imagina possa ser a resposta do outro, ainda que a palavra final adverte Bakhtin, seja daquele mesmo que escreve a carta, uma vez que não é possível a este antever todas as possíveis respostas de seu interlocutor, daí a riqueza desse tipo de comunicação.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

Esses documentos interceptados pelo nazismo nos possibilitaram, uma vez mais, pensar aspectos ligados à linguagem, especialmente ao caráter dialógico dos textos epistolares, estudado por Bakhtin. Talvez seja essa mesma característica dialógica dos textos epistolares que possibilitam a leitores, que não são seus destinatários primeiros, se façam seus interlocutores. A carta e o cartão focalizados neste trabalho parecem nos lembrar, a despeito de se constituírem em mensagens cifradas ou não, de que a voz, ainda que pouca, ainda que pouco considerada, tem força de ressonância. Pode ser que essas correspondências tivessem uma função análoga à das ligações telefônicas que a família do escritor Amós Óz fazia, de Jerusalém, para uma outra parte da família, em Tel Aviv, a intervalos de três ou quatro meses, cujos dizeres eram também, aparentemente, prosaicos, esvaziados de profundidade, conforme narrativa do autor, que aqui merece citação extensa:

"Alô, Tzvi?"  
 "Alô, aqui é Tzvi."  
 "É Árie, de Jerusalém."  
 "Alô, Árie, é Tzvi que está falando. Como vocês estão?"  
 "Aqui está tudo bem. Estamos no telefone da farmácia."  
 "Nós também. E as novidades?"  
 "Nada de novo, Tzvi. E vocês? O que você conta?"  
 "Tudo bem. Nada de especial. Vamos indo."  
 "Se não há novidades, então está ótimo. Aqui também não há novidades. Vai tudo bem. E vocês?"  
 "Nós também."  
 "Ótimo. Agora Fânia vai falar com vocês."  
 Começava tudo de novo: Como estão? E as novidades? Estamos indo. E depois: "Agora, Amós também vai falar algumas palavras".  
 E toda a conversa era essa. Como vão vocês? Tudo bem. Ótimo. Então em breve voltamos a conversar. É bom ouvir vocês. Mandaremos uma carta para marcar a próxima vez. Vamos conversar. Tudo bem. Conversar mesmo. Até breve. Então, até logo. Tchau. Lembranças. Para vocês também. Tchau.  
 Mas aqueles telefonemas não tinham graça nenhuma: a vida pendia por um fio, um fio fino. Agora entendo que eles não tinham nenhuma garantia de que voltariam a se falar de novo.

(ÓZ, 2005, p. 16-18)

A vida por um fio... A vida numa fina folha escrita... Cartas que podem ter sido enviadas com o objetivo de afirmar a vida, de apenas declarar: "ainda estou aqui".

Cartas escritas para afirmar-se vivo... E assim nos re-encontramos com a carta do poeta, no início deste capítulo. Re-começos...

## 6. PARA SEGUIR PENSANDO...

A idéia de inacabamento de um texto, que deriva do pensamento de Bakhtin, lembrado em diferentes pontos deste trabalho, se evidencia agora que ele chega ao final. Encerra-se a escrita do texto, persistem as possibilidades para reflexões...

Ao iniciarmos, tínhamos indícios de que a escrita e leitura de cartas pessoais se constituíam como práticas culturais disseminadas em nosso país. Nossas buscas em diferentes instâncias nos levaram à composição de uma pasta, que cedeu lugar a uma caixa, repleta de cartas escritas e enviadas sem o intuito de publicação, para atender aos mais diferentes anseios de seus interlocutores. Com elas pude pensar aspectos ligados às práticas culturais, à escrita autobiográfica, à interlocução e às questões da temporalidade.

Esses eixos não foram tomados por voluntariedade, mas porque foram despontando nas leituras que fiz de cartas publicadas, a princípio, e das cartas coletadas, posteriormente.

Procurei, com mais ênfase, estudando esses aspectos, compreender como ocorre a relação entre linguagem e tempo nas cartas, já que experimentava, desde a leitura de cartas publicadas, a sensação de que a linguagem enverga-se ao tempo e, de outro lado, desafia sua convencionalidade, brinca com ele, tornando-o liberto. Esta relação e as possibilidades de reflexão que dela decorrem não foram esgotadas, mas as teorias que tratam das questões da temporalidade, abordadas neste trabalho, apontam para a ocorrência dessa liberação temporal pelo entrelaçamento mesmo entre tempo e linguagem. Penso que delinear a pergunta que a princípio era uma idéia difusa, uma sensação, foi o que consegui com mais êxito. Uma vez formulada, ela permanece à espera de outros olhares, outros trabalhos e re-formulações que possam contribuir para sua resolução.

Assim como encontrei, em minhas buscas, uma caixa de cartas guardadas, outras caixas guardadas poderão ser encontradas e oferecer elementos outros para essa e outras questões, distintas das que foram tratadas aqui.

Este trabalho de pesquisa, no entanto, não se fez somente pelas teorias estudadas, pelo pensar constante, mas também pelo encontro com sujeitos

expressivos, que, ao escrever cartas, um dia, sem o saber, me tocariam e me conduziriam a lugares inesperados em mim. Para melhor explicar esse afeto, permito-me uma última citação, composta por duas perguntas, que desde a sua leitura, nas cartas dirigidas a um jovem poeta, me desafia e em momentos de maravilhamento ou assombro, se atualiza em mim: “Não sabia estar em transição? Desejava algo melhor do que transformar-se?”

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 944-948, 2000.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 28, 38, p. 359-360. 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p.141-295, 2003.

\_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, p. 50-179, 1981.

BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, p.103-395, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução. Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, p.179, 1994.

BORGES, Jorges Luís. *Ficciones*. Tradução Carlos Nejar. São Paulo: Circulo do Livro, p. 91-104, 1975.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. *Cartas e escrita*. 2000, 148p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, p.47-88, 2000.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. *Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, p. 160, 2002.

CANETTI, Elias. *A consciência das palavras: ensaios*. Tradução De Márcio Suzuki; Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, p. 177, 1990.

\_\_\_\_\_. *Massa e poder*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, p. 17-19, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, p.57-261 – v.1, 1996.

CÉSAR, C. M. *Kairós: O Conceito-Chave da Filosofia*. In: **Hermes**. Número 12. São Paulo: Sedes Sapientiae, p. 20-22, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo, Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *O mundo como representação*. In: **Estudos Avançados**. 5, nº. 11. São Paulo Jan./Abr, 1991.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p.24, 1999.

\_\_\_\_\_. *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, p.100, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *“Por hoje é só...” Cartas entre amigas*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, p.184, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, p. 88;280-287, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de Si*. 1983. In: **O que é um autor?** Lisboa: Vega, p.153-162, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Dizer o tempo*. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, p.78,1997.

GINZBURG, Jaime. *A melancolia em a terceira margem do rio; "Veredas de Rosa"* In: **Anais do Seminário Internacional Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: PUC – Minas, p. 287, 2000.

GÓMEZ, Antonio Castillo. *“Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, p. 27, 2002.

HOUAISS, Dicionário eletrônico versão 2.0. Instituto Antonio Houaiss, 2002. 1CD

IANNI, Octavio. Uma longa viagem. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 164-165, jun. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 25 jul. 2009.

JORNAL DIÁRIO DE SÃO PAULO, *“Procura-se Fernanda Montenegro”*. ano 124, nº. 41.452 de 22/08/2008.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, *Folha Cotidiano: “Troca de Cartas sobrevivem ao tempo”* – C13, ano 86 de 27/05/2007.

LANDOWSKI, Eric. *A carta como ato de presença*. In: **Presenças do Outro: Ensaio de Sociosemiótica**. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, p. 176, 2002.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura. Estudios sobre Literatura y Formación*. Barcelona: Editorial Laertes, p. 466-472, 1996.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr, 2002.

\_\_\_\_\_. *“Carta aos leitores que vão nascer”*. Campinas: 13 julho 2007. Conferencia geral de encerramento do XVI COLE – Congresso e Leitura do Brasil.

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. (Org.). Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, p.90-91, 2002.

LOUREIRO, A. G. *Problemas teóricos de la autobiografía*. In: **Anthropos**. Suplementos Anthropos. N. 29. Barcelona, p. 36, 1991.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, p.39, 1986.

MATTOSO, José. (dir.) *História de Portugal: O Liberalismo*. Editorial Estampa, v. 5, p.24, 1993.

\_\_\_\_\_ *História de Portugal: O Estado Novo*. Editorial Estampa, v.7, p.140-210, 1993.

\_\_\_\_\_ *História de Portugal: Portugal em Transe*. Editorial Estampa, v.8, 1993.

Mclaren, Peter, *A Vida nas Escolas: Uma Introdução à Pedagogia Crítica nos Fundamentos da Educação*. Tradução Lucia Pellanda Zimmer. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 255, 1977.

MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. São Paulo: Editora Moderna, 1981.

NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In: **O Brasil Republicano. História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, vol. 2. São Paulo: Difel, 1977.

NÓVOA, António. *Liceus de Portugal*. Porto: Edições Asa, p. 19-20, 2003.

\_\_\_\_\_ e BERRIO, Julio Luiz. (Org.) *A História da Educação em Portugal e Espanha: Investigações e Actividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 1993.

ÓZ, Amós. *De Amor e Trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.16-18.

PELBART, Peter Pál. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

\_\_\_\_\_ *O tempo não-reconciliado: Imagens de tempo em Deleuze*. 1996, 280p. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, p. 189-190, 1996.

\_\_\_\_\_ *VIDA CAPITAL - Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_ *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.36-98, 2005.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração*. In: **O Brasil Republicano. História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, vol. 2. São Paulo: Difel, p. 97-120, 1977.

ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

REVISTA DA CULTURA. São Paulo: Editora Livre: edição 12, julho/2008.

REVISTA ÉPOCA. Rio de Janeiro: Editora Globo: nº 540, 22/09/2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, p.26-141, 1994.

SCHWOB, M. *El arte de la biografía*. In: **A arte de la biografía**. México: Conaculta Oceano, p. 406, [s/d].

VALENTIM, Claudia A. *O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX*. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) 2006, 116p. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.55, 2006.

VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<http://www.ipfeurope.com/ipfportugues.htm> - “Clube da correspondência” - acesso em 17/06/2008

<http://www2.fcsh.unl.pt>, *E-DICIONARIO DE TERMOS LITERÁRIOS*. acesso em dezembro/2008

<http://www.gontijo-fam> – acesso em outubro/2007

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Inovação, 1996.

FERREIRA, António Gomes; VECHIA, Ariclê. Os estudos clássico-humanista versus os estudos científicos no Liceu de Coimbra e no Imperial Collegio de Pedro II 1836-1855. In: **Anais IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.200, 2003.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

MARTINHO, Antônio Manuel Matoso. *A criação do ensino industrial em Portugal*. In: **Revista Dom Jaime - Cadernos de Cultura**, ano VI, nº 5, Edição Câmara Municipal de Tondela/Centro de Estudos Tomaz Ribeiro. Tondela: Abril, 2007.

MOGARRO, M. J. & CRESPO, M. E. *O liceu de Portalegre – percurso entre a memória e o arquivo*. In: **História e Memória da Escola. Actas do III Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre**. Lisboa: APH – Associação de Professores de História, 2001.

SILVA, Bento Duarte da. *As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal*. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Braga: Universidade do Minho, ano/vol. 14, nº 002, p.06, 2001.

SILVA, Francisco Ribeiro da. *História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados*. In: **A História da Educação em Portugal e Espanha: Investigações e Actividades**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 1993.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo II. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus, 1994.